



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2020/21**
12º LEVANTAMENTO

SETEMBRO 2021

VOLUME 8
NÚMERO

12

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall'Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2020/21**
12º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 12 décimo segundo levantamento, setembro. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO	
16	INTRODUÇÃO	
18	ANÁLISE CLIMÁTICA	
25	ANÁLISE DAS CULTURAS	
25	ALGODÃO	
34	ARROZ	
38	FEIJÃO	
54	MILHO	
67	SOJA	
72	TRIGO	
80	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO	
94	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO	



RESUMO EXECUTIVO

O volume de produção de grãos no país é estimado, atualmente, em 252,3 milhões de toneladas, redução de 1,8% sobre a safra 2019/20 e 1,7 milhões de toneladas inferior à estimativa do décimo primeiro levantamento realizado em agosto deste ano.

Tal redução se deve às perdas observadas nas culturas de segunda safra, sobretudo no milho e feijão, justificada pelos danos causados pela seca prolongada nas principais regiões produtoras, aliada às baixas temperaturas com eventos de geadas ocorridas nos estados da Região Centro-Sul do país. As áreas das culturas de primeira safra estão totalmente colhidas, as de segunda safra em fase final de colheita, as de terceira safra, desde a fase de florescimento até o final da colheita e as de inverno no início da colheita, que será intensificada a partir de setembro.



CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

**Algodão**

Produção estimada em 2,36 milhões de toneladas de pluma, 21,5% inferior à safra passada. As condições climáticas, de modo geral, favoreceram o bom desenvolvimento das lavouras, e a redução da produção ocorreu principalmente pela diminuição da área plantada. O percentual colhido, no final de julho, foi de 80,6%, cujo término está previsto para meados de setembro.

**Arroz**

Produção estimada em 11,75 milhões de toneladas, 5,3% superior ao volume produzido na safra anterior. Desse total, 10.826 mil toneladas foram produzidas sob manejo irrigado e 921 mil toneladas em áreas de plantio de sequeiro. A colheita da safra 2020/21 já foi concluída no país, e alguns estados produtores já iniciaram o plantio da safra 2021/22.

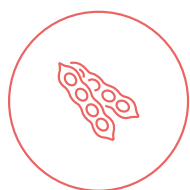
**Feijão**

A colheita das culturas de primeira. No momento, as atenções são para a cultura de terceira safra, que se encontram em fase final de colheita. A produção total é estimada em 2,86 milhões de toneladas, 11,4% menor que a obtida na safra 2019/20, impactada pela seca nas principais regiões produtoras. Dessa produção, 1.747,5 mil toneladas são de feijão-comum cores, 483,7 mil toneladas de feijão-comum preto e 625,2 mil toneladas de feijão-caupi.



Milho total

Produção total de 85,75 milhões de toneladas. A primeira safra está com a colheita finalizada, a segunda safra com a colheita de 86,9% no final de agosto e a terceira safra, situada na região do Sertão (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), além dos cultivos em Pernambuco e Roraima, as fases das lavouras variam desde a fase vegetativa até operações de colheita.



Soja

Produção recorde, estimada em 135,9 milhões de toneladas, aumento de 8,9% em relação à safra 2019/20. A colheita está praticamente finalizada, restando a produção de Roraima e Alagoas, que representam pouco mais de 0,1% da produção nacional.



Culturas de inverno

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: o plantio já foi concluído, e estima-se um incremento de 13,1% na área plantada. Destaque para o trigo, que apresenta um expressivo crescimento na área de 14,9%, situando-se em 2,69 milhões de hectares. Ao final de agosto, 3,2% das lavouras do cereal já haviam sido colhidas, porém, predominavam as fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. A estimativa atual é de uma produção de 8,15 milhões de toneladas, a depender das condições climáticas de setembro e outubro.



TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.365,5	1.370,9	0,4	(17,7)	5,4	(294,7)
Amendoim total	160,5	165,6	165,6	-	3,2	-	5,1
Amendoim 1ª safra	153,3	159,8	159,8	-	4,2	-	6,5
Amendoim 2ª safra	7,2	5,8	5,8	-	(19,4)	-	(1,4)
Arroz	1.665,8	1.676,5	1.677,1	-	0,7	0,6	11,3
Arroz sequeiro	366,9	373,1	373,7	0,2	1,9	0,6	6,8
Arroz irrigado	1.298,9	1.303,4	1.303,4	-	0,3	-	4,5
Feijão total	2.926,7	2.939,7	2.923,2	(0,6)	(0,1)	(16,5)	(3,5)
Feijão total cores	1.280,3	1.213,0	1.202,5	(0,9)	(6,1)	(10,5)	(77,8)
Feijão total preto	338,6	371,1	371,1	-	9,6	-	32,5
Feijão total caupi	1.307,8	1.355,6	1.349,6	(0,4)	3,2	(6,0)	41,8
Feijão 1ª safra	914,5	909,2	909,2	-	(0,6)	-	(5,3)
Cores	365,9	367,1	367,1	-	0,3	-	1,2
Preto	162,4	162,4	162,4	-	-	-	-
Caupi	386,2	379,7	379,7	-	(1,7)	-	(6,5)
Feijão 2ª safra	1.423,0	1.459,5	1.453,3	(0,4)	2,1	(6,2)	30,3
Cores	402,8	354,5	354,5	-	(12,0)	-	(48,3)
Preto	159,6	192,1	192,1	-	20,4	-	32,5
Caupi	860,6	912,9	906,7	(0,7)	5,4	(6,2)	46,1
Feijão 3ª safra	588,8	571,0	560,7	(1,8)	(4,8)	(10,3)	(28,1)
Cores	507,9	491,4	480,9	(2,1)	(5,3)	(10,5)	(27,0)
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	63,0	63,2	0,3	(1,7)	0,2	(1,1)
Gergelim	175,0	143,5	143,5	-	(18,0)	-	(31,5)
Girassol	47,1	31,7	31,7	-	(32,7)	-	(15,4)
Mamona	45,5	47,0	47,0	-	3,3	-	1,5
Milho total	18.527,3	19.823,9	19.867,7	0,2	7,2	43,8	1.340,4
Milho 1ª safra	4.235,8	4.370,5	4.347,4	(0,5)	2,6	(23,1)	111,6
Milho 2ª safra	13.755,9	14.872,3	14.935,5	0,4	8,6	63,2	1.179,6
Milho 3ª safra	535,6	581,1	584,8	0,6	9,2	3,7	49,2
Soja	36.949,7	38.529,0	38.532,1	-	4,3	3,1	1.582,4
Sorgo	835,4	864,5	865,0	0,1	3,6	0,5	29,7
Subtotal	62.998,2	65.586,9	65.623,8	0,1	4,2	36,9	2.625,7
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	414,6	448,2	8,1	5,3	33,6	22,5
Canola	35,3	39,1	39,1	-	10,8	-	3,8
Centeio	4,7	4,3	4,7	9,3	-	0,4	-
Cevada	103,4	111,3	111,3	-	7,6	-	7,9
Trigo	2.341,5	2.696,1	2.691,1	(0,2)	14,9	(5,0)	349,6
Triticale	15,6	17,4	15,8	(9,2)	1,3	(1,6)	0,2
Subtotal	2.926,2	3.282,8	3.310,2	0,8	13,1	27,4	384,0
Brasil	65.924,4	68.869,7	68.934,0	0,1	4,6	64,3	3.009,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.



TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.499	2.507	0,3	(4,5)	7,8	(117,7)
Algodão em pluma	1.802	1.714	1.720	0,3	(4,6)	5,6	(82,3)
Amendoim total	3.474	3.608	3.606	(0,1)	3,8	(1,8)	131,8
Amendoim 1ª safra	3.554	3.683	3.683	-	3,6	-	128,9
Amendoim 2ª safra	1.771	1.534	1.481	(3,4)	(16,4)	(52,6)	(289,8)
Arroz	6.713	7.003	7.004	-	4,3	0,8	290,8
Arroz sequeiro	2.468	2.467	2.465	(0,1)	(0,1)	(2,3)	(3,4)
Arroz irrigado	7.913	8.302	8.306	-	5,0	3,8	393,1
Feijão total	1.104	1.000	977	(2,3)	(11,5)	(23,0)	(126,4)
Feijão total cores	1.568	1.467	1.453	(0,9)	(7,3)	(13,9)	(115,2)
Feijão total preto	1.504	1.305	1.303	(0,1)	(13,4)	(1,4)	(200,8)
Feijão total caupi	545	499	463	(7,1)	(15,0)	(35,6)	(81,6)
Feijão 1ª safra	1.209	1.113	1.074	(3,5)	(11,1)	(38,6)	(134,4)
Cores	1.664	1.657	1.657	-	(0,4)	-	(6,4)
Preto	1.927	1.529	1.529	-	(20,6)	-	(397,9)
Caupi	475	408	316	(22,7)	(33,6)	(92,5)	(159,5)
Feijão 2ª safra	875	790	781	(1,1)	(10,7)	(8,7)	(93,4)
Cores	1.398	1.248	1.247	(0,1)	(10,8)	(1,6)	(151,2)
Preto	1.155	1.165	1.163	(0,2)	0,6	(2,6)	7,4
Caupi	573	533	518	(2,7)	(9,5)	(14,5)	(54,5)
Feijão 3ª safra	1.481	1.358	1.327	(2,2)	(10,4)	(30,3)	(153,7)
Cores	1.636	1.482	1.449	(2,2)	(11,4)	(33,1)	(186,7)
Preto	725	725	725	-	-	0,0	(0,1)
Caupi	590	553	560	1,1	(5,1)	6,2	(30,3)
Gergelim	547	509	395	(22,3)	(27,8)	(113,6)	(151,9)
Girassol	1.590	1.331	1.143	(14,1)	(28,1)	(187,9)	(447,0)
Mamona	951	597	582	(2,5)	(38,7)	(14,9)	(368,2)
Milho total	5.537	4.371	4.316	(1,3)	(22,1)	(55,0)	(1.221,0)
Milho 1ª safra	6.065	5.697	5.692	(0,1)	(6,2)	(5,1)	(373,2)
Milho 2ª safra	5.456	4.056	3.982	(1,8)	(27,0)	(74,1)	(1.473,7)
Milho 3ª safra	3.305	2.461	2.622	6,5	(20,7)	161,0	(682,7)
Soja	3.379	3.529	3.527	(0,1)	4,4	(2,0)	148,5
Sorgo	2.991	2.684	2.426	(9,6)	(18,9)	(258,0)	(565,6)
Subtotal	3.960	3.717	3.696	(0,6)	(6,7)	(21,0)	(264,0)
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.493	2.458	(1,4)	23,7	(35,0)	471,0
Canola	912	1.568	1.565	(0,2)	71,6	(3,0)	653,0
Centeio	2.213	2.488	2.511	0,9	13,5	23,0	298,0
Cevada	3.621	4.041	3.732	(7,6)	3,1	(309,0)	111,0
Trigo	2.663	3.187	3.031	(4,9)	13,8	(156,0)	368,0
Triticale	2.628	3.098	3.044	(1,7)	15,8	(54,0)	416,0
Subtotal	2.576	3.107	2.959	(4,8)	14,9	(148,0)	383,0
Brasil (2)	3.899	3.688	3.660	(0,8)	(6,1)	(27,7)	(238,5)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.



TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.412,6	3.436,9	0,7	(21,4)	24,3	(934,4)
Algodão em pluma	3.001,6	2.340,6	2.357,5	0,7	(21,5)	16,9	(644,1)
Amendoim total	557,5	597,5	597,1	(0,1)	7,1	(0,4)	39,6
Amendoim 1ª safra	544,8	588,6	588,6	-	8,0	-	43,8
Amendoim 2ª safra	12,7	8,9	8,5	(4,5)	(33,1)	(0,4)	(4,2)
Arroz	11.183,4	11.741,4	11.747,0	-	5,0	5,6	563,6
Arroz sequeiro	905,5	920,4	921,0	0,1	1,7	0,6	15,5
Arroz irrigado	10.277,9	10.821,0	10.826,0	-	5,3	5,0	548,1
Feijão total	3.222,1	2.940,0	2.856,1	(2,9)	(11,4)	(83,9)	(366,0)
Feijão total cores	2.008,0	1.779,5	1.747,5	(1,8)	(13,0)	(32,0)	(260,5)
Feijão total preto	509,5	484,2	483,7	(0,1)	(5,1)	(0,5)	(25,8)
Feijão total caupi	714,9	676,4	625,2	(7,6)	(12,5)	(51,2)	(89,7)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.011,7	976,6	(3,5)	(11,7)	(35,1)	(129,0)
Cores	609,0	608,4	608,4	-	(0,1)	-	(0,6)
Preto	313,0	248,3	248,3	-	(20,7)	-	(64,7)
Caupi	183,6	155,1	120,0	(22,6)	(34,6)	(35,1)	(63,6)
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.152,9	1.135,3	(1,5)	(8,8)	(17,6)	(109,4)
Cores	566,8	442,7	442,1	(0,1)	(22,0)	(0,6)	(124,7)
Preto	184,5	223,9	223,4	(0,2)	21,1	(0,5)	38,9
Caupi	493,4	486,4	469,9	(3,4)	(4,8)	(16,5)	(23,5)
Feijão 3ª safra	872,1	775,3	744,3	(4,0)	(14,7)	(31,0)	(127,8)
Cores	822,1	728,4	697,0	(4,3)	(15,2)	(31,4)	(125,1)
Preto	12,0	12,0	12,0	-	-	-	-
Caupi	37,9	34,9	35,3	1,1	(6,9)	0,4	(2,6)
Gergelim	95,8	73,0	56,7	(22,3)	(40,8)	(16,3)	(39,1)
Girassol	74,9	42,2	36,2	(14,2)	(51,7)	(6,0)	(38,7)
Mamona	43,3	28,1	27,4	(2,5)	(36,7)	(0,7)	(15,9)
Milho total	102.586,4	86.650,1	85.749,0	(1,0)	(16,4)	(901,1)	(16.837,4)
Milho 1ª safra	25.689,6	24.898,2	24.744,2	(0,6)	(3,7)	(154,0)	(945,4)
Milho 2ª safra	75.053,2	60.322,0	59.471,5	(1,4)	(20,8)	(850,5)	(15.581,7)
Milho 3ª safra	1.843,6	1.430,1	1.533,3	7,2	(16,8)	103,2	(310,3)
Soja	124.844,8	135.978,3	135.912,3	-	8,9	(66,0)	11.067,5
Sorgo	2.498,1	2.320,1	2.098,2	(9,6)	(16,0)	(221,9)	(399,9)
Subtotal	249.477,6	243.783,3	242.516,9	(0,5)	(2,8)	(1.266,4)	(6.960,7)
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Ago/2021 (b)	Set/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	1.033,7	1.101,8	6,6	30,3	68,1	256,1
Canola	32,2	61,3	61,2	(0,2)	90,1	(0,1)	29,0
Centeio	10,4	10,7	11,8	10,3	13,5	1,1	1,4
Cevada	374,4	449,8	415,4	(7,6)	11,0	(34,4)	41,0
Trigo	6.234,6	8.591,3	8.156,2	(5,1)	30,8	(435,1)	1.921,6
Triticale	41,0	53,9	48,1	(10,8)	17,3	(5,8)	7,1
Subtotal	7.538,3	10.200,7	9.794,5	(4,0)	29,9	(406,2)	2.256,2
Brasil (2)	257.015,9	253.984,0	252.311,4	(0,7)	(1,8)	(1.672,6)	(4.704,5)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.



TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.643,7	10,6	3.537	3.357	(5,1)	11.649,6	12.233,0	5,0
RR	76,6	98,8	29,0	4.103	3.786	(7,7)	314,3	374,1	19,0
RO	602,5	657,3	9,1	3.992	3.953	(1,0)	2.405,3	2.598,4	8,0
AC	47,5	48,3	1,7	2.147	2.551	18,8	102,0	123,2	20,8
AM	18,7	21,7	16,0	2.230	2.525	13,2	41,7	54,8	31,4
AP	24,4	8,5	(65,2)	2.574	1.847	(28,2)	62,8	15,7	(75,0)
PA	963,4	1.181,3	22,6	2.979	2.995	0,5	2.870,1	3.537,6	23,3
TO	1.560,1	1.627,8	4,3	3.752	3.397	(9,5)	5.853,4	5.529,2	(5,5)
NORDESTE	8.187,7	8.478,5	3,6	2.823	2.747	(2,7)	23.109,9	23.293,1	0,8
MA	1.605,1	1.656,2	3,2	3.489	3.576	2,5	5.600,2	5.922,6	5,8
PI	1.535,2	1.629,8	6,2	3.282	3.077	(6,2)	5.038,5	5.015,3	(0,5)
CE	913,1	942,9	3,3	875	629	(28,0)	798,7	593,5	(25,7)
RN	118,3	98,0	(17,2)	538	510	(5,1)	63,6	50,0	(21,4)
PB	212,9	193,4	(9,1)	649	436	(32,7)	138,1	84,4	(38,9)
PE	465,2	464,6	(0,1)	676	536	(20,7)	314,4	249,1	(20,8)
AL	78,2	87,8	12,3	1.331	2.585	94,2	104,1	227,0	118,1
SE	162,5	172,2	6,0	5.843	4.178	(28,5)	949,5	719,5	(24,2)
BA	3.097,2	3.233,6	4,4	3.261	3.226	(1,1)	10.102,8	10.431,7	3,3
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.491,7	3,6	4.349	3.903	(10,3)	123.866,9	115.114,6	(7,1)
MT	17.212,4	17.721,2	3,0	4.351	4.088	(6,1)	74.898,9	72.437,2	(3,3)
MS	5.029,5	5.430,4	8,0	4.085	3.350	(18,0)	20.548,0	18.190,2	(11,5)
GO	6.074,3	6.173,7	1,6	4.535	3.845	(15,2)	27.547,2	23.735,2	(13,8)
DF	164,4	166,4	1,2	5.309	4.519	(14,9)	872,8	752,0	(13,8)
SUDESTE	5.855,0	6.260,4	6,9	4.214	3.698	(12,2)	24.671,6	23.151,3	(6,2)
MG	3.492,8	3.837,4	9,9	4.401	3.767	(14,4)	15.371,3	14.457,0	(5,9)
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.398,9	2,8	3.963	3.604	(9,1)	9.247,5	8.645,9	(6,5)
SUL	20.108,1	21.059,7	4,7	3.666	3.728	1,7	73.718,2	78.519,4	6,5
PR	9.807,2	10.289,8	4,9	4.166	3.315	(20,4)	40.854,0	34.106,0	(16,5)
SC	1.287,0	1.348,5	4,8	5.075	4.459	(12,1)	6.530,9	6.012,8	(7,9)
RS	9.013,9	9.421,4	4,5	2.921	4.076	39,5	26.333,3	38.400,6	45,8
NORTE/NORDESTE	11.480,9	12.122,2	5,6	3.028	2.931	(3,2)	34.759,5	35.526,1	2,2
CENTRO-SUL	54.443,7	56.811,8	4,3	4.082	3.816	(6,5)	222.256,7	216.785,3	(2,5)
BRASIL	65.924,6	68.934,0	4,6	3.899	3.660	(6,1)	257.016,2	252.311,4	(1,8)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o décimo segundo levantamento, com informações atualizadas das culturas de primeira, segunda e terceira safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas, às condições climáticas encontradas nas regiões produtoras e de mercado.

As ações estabelecidas pela empresa, para o levantamento das safras, estão em conformidade com as medidas de biossegurança federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde dos empregados e dos colaboradores.

Essas medidas de combate à pandemia obrigaram à empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de algumas viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não



comprometer a qualidade dos serviços prestados e preservar a saúde de todos.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita, fenologia e o manejo das diferentes lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, localizadas em todas as Unidades da Federação.

Nesse trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Agosto seguiu com pouca ou nenhuma precipitação em praticamente toda a área central do país, com chuvas concentradas principalmente no norte da Região Norte, na Região Sul e na faixa leste do Nordeste. O mês também foi marcado por uma onda de frio na primeira semana que causou geadas e forte queda nas temperaturas.

Em relação a precipitação, à Região Norte vem acumulando grandes volumes na parte norte de seu território e chegando ao final do mês com totais na faixa entre 90 mm e 250 mm. Destaque para Manaus que registrou o agosto mais chuvoso da sua série histórica desde 1920. Nas localidades mais ao sul da região, Rondônia, sul do Pará e Tocantins, os totais ficaram entre 5 mm e 40 mm.

No Centro-Oeste, o clima seguiu dentro das características típicas do período seco, porém, houve precipitação na última semana em todos os estados e no Distrito Federal. Destaque para o Mato Grosso do Sul, com

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.



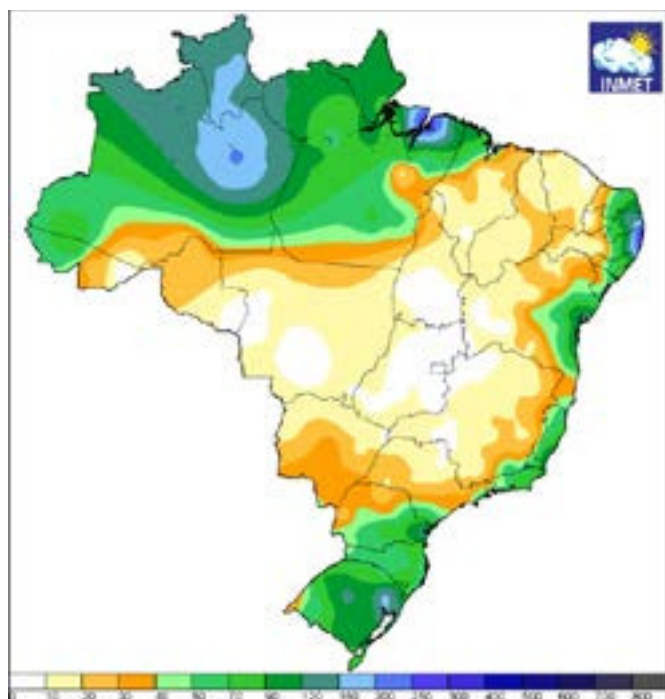
volumes mais significativos, entre 20 mm e 40 mm.

No Sudeste também predominaram áreas com pouca ou nenhuma precipitação. Os maiores volumes foram no leste de São Paulo, Rio de Janeiro e no Espírito Santo, com totais entre 30 mm e 90 mm. Nas demais áreas, a precipitação acumulada ficou entre 5 mm e 30 mm.

Na Região Nordeste, agosto teve seus maiores volumes na faixa leste, entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Norte, com totais entre 90 mm e 250 mm, e no norte do Maranhão, totais acumulados entre 30 mm e 60 mm. Nas demais localidades do Nordeste, os volumes ficaram, predominantemente, abaixo dos 30 mm.

A precipitação na Região Sul foi bastante irregular durante todo o mês. De forma geral, os seus maiores volumes ocorreram entre o Rio Grande do Sul e o sul do Paraná, com totais entre 40 mm e 150 mm. No norte do Paraná e oeste de Santa Catarina, as chuvas foram ainda mais irregulares, o que resultou em

FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM AGOSTO DE 2021



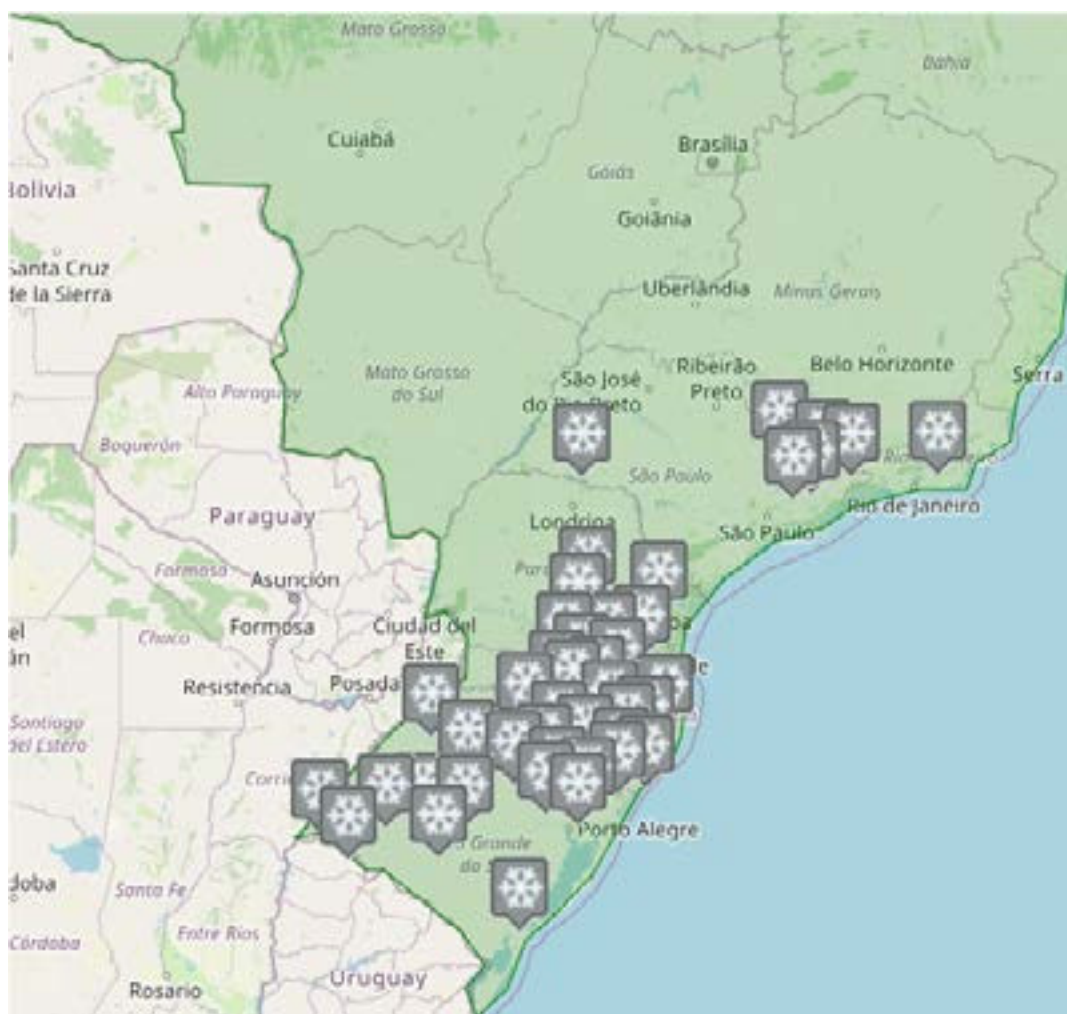
Fonte: Inmet.



acumulados inferiores, com totais entre 10 e 40 mm.

As ondas de frio marcaram o início de agosto. A chegada de mais uma massa de ar frio causou a queda acentuada nas temperaturas no centro-sul do Brasil, com registro de temperaturas negativas em diversas localidades, como em Monte Verde-MG, com $0,8^{\circ}\text{C}$; Campos do Jordão, com $1,1^{\circ}\text{C}$; General Carneiro-PR, $-1,2^{\circ}\text{C}$; Bom Jardim da Serra-SC, com $1,1^{\circ}\text{C}$, e Quaraí-RS, com mínima de $-0,5^{\circ}\text{C}$. O mapa de possíveis ocorrências de geadas do Inmet mostra a abrangência das localidades potencialmente atingidas por geadas no Brasil nos primeiros dias de agosto.

FIGURA 2 - MAPA DE POSSÍVEIS OCORRÊNCIA DE GEADAS ENTRE OS DIAS 01 E 05 EM AGOSTO/2021



Fonte: Inmet.



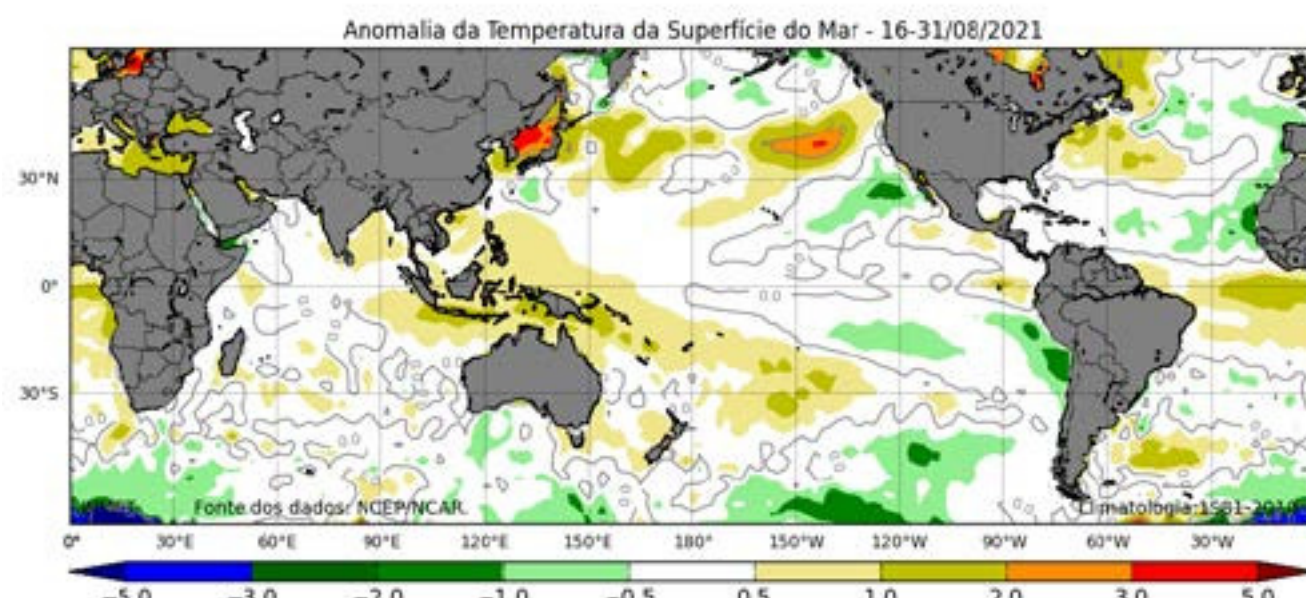
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Em agosto, o Oceano Pacífico Equatorial se manteve na sua fase neutra das anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM), como observado no mapa de anomalias de TSM da segunda quinzena.

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nas últimas semanas mostram uma grande oscilação com sinal negativo, porém dentro da faixa de neutralidade, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5°C e +0,5°C.

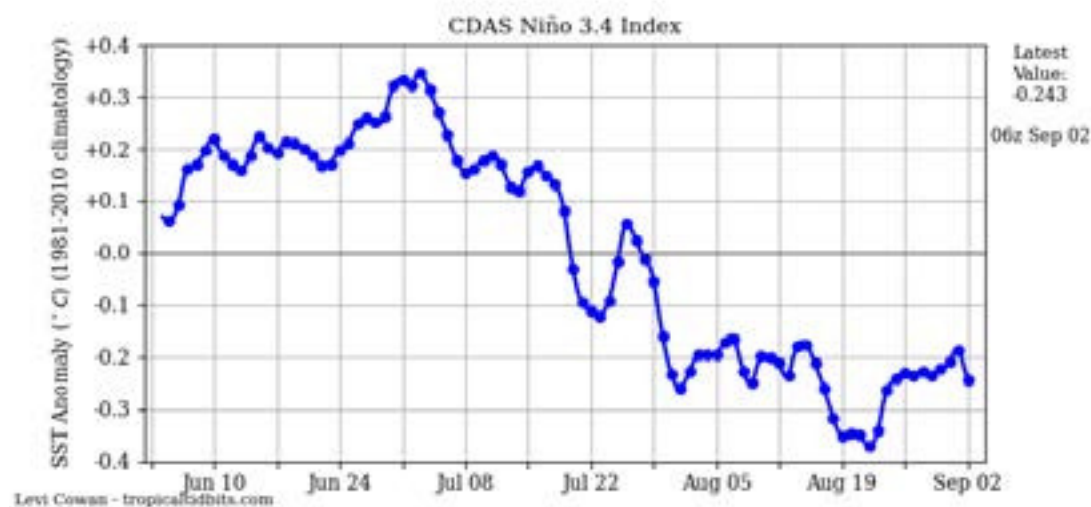
FIGURA 3 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16-31/08/2021



Fonte: Tropical Tidbits
Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.



GRÁFICO 1 - GRÁFICO DE MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

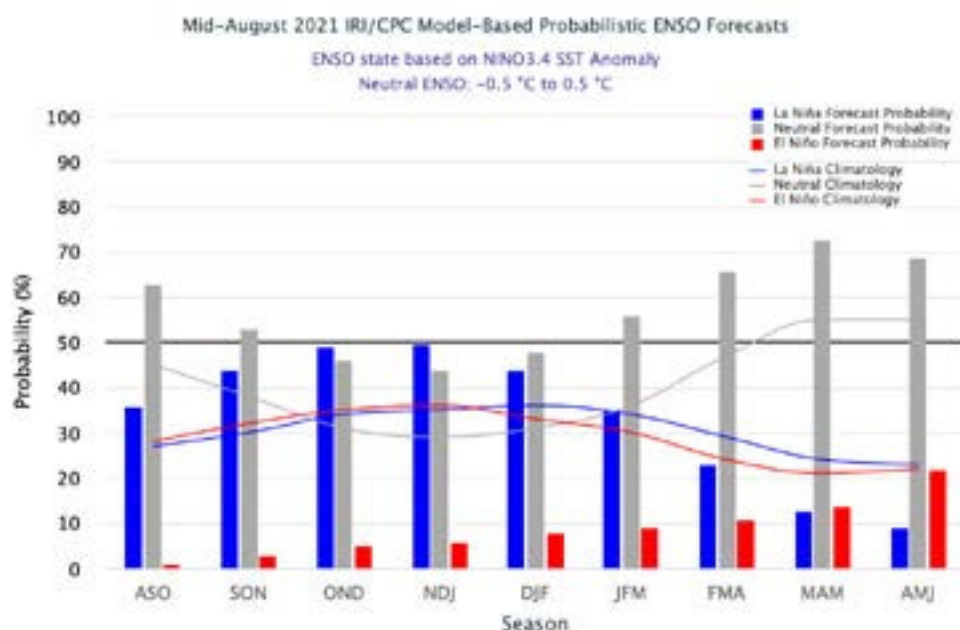


Fonte: Tropical Tidbits

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 75% de continuidade da fase de neutralidade no trimestre agosto-setembro-outubro/2021. Segundo a previsão, a fase de neutralidade tem alta probabilidade de se manter até o final de 2021, porém as previsões atuais aumentaram o percentual de probabilidade de La Niña.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

Disponível em: (<https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>).



PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO SETEMBRO-OUTUBRO-NOVEMBRO/2021

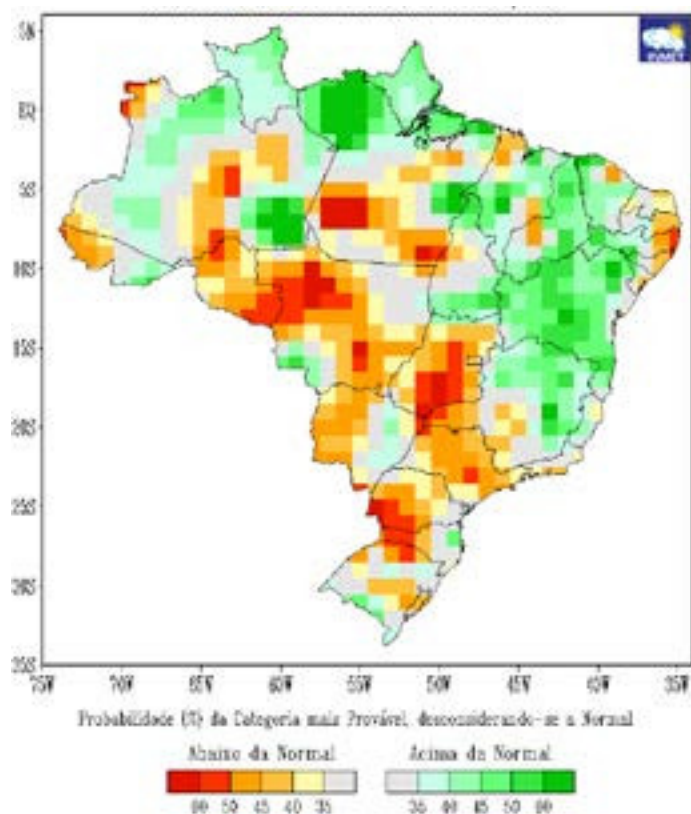
Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam um predomínio de áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média. Contudo, há possibilidade de áreas com chuvas próximas ou acima da média no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina no mês de setembro.

Para as regiões Centro-Oeste e Sudeste, as previsões com probabilidades de chuvas abaixo da média predominam. Exceto no Rio de Janeiro, Espírito Santo e centro-norte de Minas Gerais, onde há possibilidade de chuvas dentro faixa normal ou acima.

Nas regiões Norte e Nordeste, predomínio de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima. Especificamente em setembro, os maiores volumes devem ocorrer no norte dessas regiões, entre os estados de Roraima e do Piauí.



FIGURA 4 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE SETEMBRO-OUTUBRO-NOVEMBRO/2021



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do INMET (<https://portal.inmet.gov.br>).



ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.370,9 mil ha
-17,7%

PRODUTIVIDADE

1.720 kg/ha
-4,6%

PRODUÇÃO

2.357,5 milhões t
-21,5%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.357,5 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.123,4 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 715 mil t
EXPORTAÇÕES 2.100 mil t
2.815 mil t

Mais de três quartos da área semeada com a cultura no país está colhida. Regiões cotonicultoras importantes intensificaram suas operações (se aproveitando do clima mais seco) para garantir que todo manejo necessário no pós-colheita (como a destruição das soqueiras) seja realizado em tempo hábil, antes do período de vazio sanitário.

De maneira geral, a perspectiva é que se confirme as indicações de redução na produção total em comparação à temporada passada, principalmente



pela menor destinação de área visualizada nesse ano. Há também a expectativa de diminuição na produtividade média em decorrência das oscilações climáticas (especialmente pluviométricas) nas maiores regiões produtoras, perfazendo assim um volume final estimado de 5.794,4 mil toneladas de algodão em caroço ou 2.357,5 mil toneladas de algodão em pluma (decréscimo de 21,5% em relação a 2019/20).

OFERTA E DEMANDA

Segundo o evento Perspectivas para a Agropecuária – Safra 2021/22, divulgado pela Conab na última quinta-feira (26), foram estimadas para os anos civis 2021 e 2022, uma quantidade exportada de 2,1 e 2 milhões de toneladas de pluma, respectivamente. Apesar do elevado volume, os dois desempenhos são próximos do verificado em 2019, recorde da série até então. Essa desaceleração no crescimento do volume exportado é motivada pela menor safra colhida agora, na safra 2020/21, quando a queda esperada na produção é de 21,4% em relação à safra anterior, de acordo com este décimo levantamento.

No mesmo relatório, foi estimada uma recuperação do consumo interno, depois da forte queda verificada no ano de 2020, dado ao maior isolamento social no contexto da pandemia da covid-19. Para os anos de 2021 e 2022, respectivamente, os consumos estimados são de 715 e 716 mil toneladas, ante as cerca de 600 mil toneladas no ano de 2020. O avanço da vacinação é o principal responsável pela esperada melhora do desempenho.

Cerca de 80% da safra 2020/21 e 35% da safra 2021/22 de algodão já foram



comercializados. Assim, com o forte ritmo das exportações e a recuperação do consumo esperados, além da menor oferta da safra 2020/21, são projetadas diminuições nos estoques finais nos anos de 2021 e 2022, que devem fechar, respectivamente, em 1,3 e 1,1 milhão de toneladas da fibra. Essa menor oferta disponível e o dólar valorizado deverão contribuir para que os preços da pluma de algodão continuem em patamares elevados.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	Ago/21	1.764,9	2.340,6	1,0	4.106,5	715,0	1.291,5
	Set/21	1.764,9	2.357,5	1,0	4.123,4	715,0	1.308,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Em Tocantins, a cultura vem expandindo suas áreas em regiões já consolidadas no estado, inclusive com incentivo do setor têxtil por intermédio da construção de unidades de processamento da fibra em localidades estratégicas.

Nesta safra, houve aumento de 5,9% na área plantada em comparação ao ano passado, porém o clima instável e com veranicos prolongados entre abril e maio atingiu a cultura na fase reprodutiva/formação de maçãs, acarretando numa estimativa de redução na produtividade média (previsão de decréscimo na ordem de 17,3%). Assim, a cultura que está em plena fase



de colheita (65% da área colhida) deve alcançar uma produção de 24,3 mil toneladas de algodão em caroço ou 9,7 mil toneladas de algodão em pluma.

Em Rondônia, a cotonicultura fica concentrada no sul no estado, mais especificamente na região de Vilhena. Nesta safra foram destinados cerca de 8,1 mil hectares para tal cultivo, representando redução de 17,3% em comparação a 2019/20, principalmente pela não adaptação de algumas cultivares às condições edafoclimáticas e de relevo da localidade. As operações de colheita estão em fase final de execução, e devem apresentar um volume inferior àquele obtido na temporada anterior, também pela redução na produtividade média, que foi impactada pelos menores índices pluviométricos registrados especialmente entre março e abril.

Em Mato Grosso, a colheita alcançou quase 80% da área total (961,3 mil hectares) até o fim de agosto. As produtividades observadas, até o momento, estão abaixo da média alcançada em 2019/20, influenciadas pela escassez hídrica visualizada em parte do ciclo, principalmente no período em que certas lavouras se encontravam em fases críticas da fenologia, como florescimento e formação de maçãs.

Somada a essa estimativa de diminuição do rendimento médio (em relação à safra passada), tem-se a redução de área plantada, prevendo-se assim um resultado final 22,9% inferior ao obtido na temporada anterior, devendo alcançar 3.944,2 mil toneladas de algodão em caroço ou 1.617,1 mil toneladas de algodão em pluma. Vale ressaltar que a qualidade da fibra, bem como seu rendimento têm sido considerados bons em cômputo geral.

Em Goiás, cerca de 90% da área já está colhida, restando algumas lavouras de segunda safra irrigada no leste do estado (região de Cristalina). De maneira geral, houve redução na destinação de área nesse ciclo em



comparação a 2019/20, principalmente em razão do atraso no calendário da soja e por questões de redução da demanda mundial da fibra como reflexo da pandemia. Algumas lavouras sofreram com estresse hídrico em parte do ciclo, além de registros de áreas atingidas por geada na fase reprodutiva (exclusivamente no extremo-sul do estado). Assim, a expectativa é de diminuição na produção total, devendo ficar em 117,4 mil toneladas de algodão em caroço ou 46,3 mil toneladas de algodão em pluma (23% a menos do que em 2019/20).

Ressalta-se o registro de perda na qualidade da fibra (fios com menor resistência e quebradiços) em decorrência dessas oscilações climáticas já mencionadas.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita está encerrada nos 24,4 mil hectares destinados à cotonicultura nesta safra. O resultado ficou aquém da temporada passada em razão da diminuição na área plantada. Muitos produtores optaram por cultivar outras graníferas, como soja e milho, que apresentavam preços atrativos à época, em detrimento do algodão, especialmente para aquelas lavouras que seriam plantadas mais tardias (consideradas de segunda safra) e que foram impactadas pela escassez hídrica no início do ciclo. Além disso, algumas intempéries climáticas (estiagem e geadas) durante a safra também reduziram parte do potencial produtivo da cultura. Assim, a produção total ficou em 109,5 mil toneladas, 23% inferior ao resultado obtido em 2019/20.

Na Bahia, a colheita avançou bastante no último mês, e já foi executada em mais de três quartos da área total no estado, restando agora, principalmente as lavouras irrigadas, que são semeadas mais tardiamente. Os melhores resultados têm sido observados no extremo-oeste, onde as condições climáticas foram mais favoráveis à cultura durante boa parte do



ciclo. Já no centro-sul baiano, observa-se perdas de rendimento em razão da escassez de chuvas que assolou a região em períodos importantes do ciclo. Há relatos de lavouras sem perspectiva de produção, pois as plantas atingiram ponto de murcha permanente e ficaram impossibilitadas de se recuperar em tempo. Acredita-se que a produtividade média possa melhorar à medida que se avança a colheita nas áreas irrigadas. Assim, a estimativa estadual geral é de produção na ordem de 1.266,6 mil toneladas de algodão em caroço ou 506,6 mil toneladas de algodão em pluma, representando decréscimo de 15,1% em comparação ao volume obtido em 2019/20, principalmente em decorrência da redução de área plantada neste ciclo.

Além da Bahia, o Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção feita a Alagoas e ao Rio Grande do Norte) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto. Ainda assim, uma produção representativa deve ser colhida, especialmente no Maranhão e no Piauí. Nessas regiões, as lavouras estão alcançando as fases finais, atingindo maturação e plena colheita.

Em Minas Gerais foram destinados 30,2 mil hectares à cotonicultura, representando redução de 20,7% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando redução no potencial produtivo em razão do baixo regime pluviométrico



registrado nos últimos meses, impactando, assim, no rendimento médio esperado para a cultura, que, nesse momento, está em 3.723 kg/ha de algodão em caroço (12% inferior à produtividade média obtida na temporada anterior). Assim, a perspectiva para produção final é pessimista, podendo apresentar diminuição de 30,3% em relação ao resultado da safra passada. A colheita está em andamento.

Em São Paulo, a colheita está encerrada nos 4,7 mil hectares cultivados com a cultura nesta temporada. Houve redução significativa na área total plantada nesta safra, impactando no volume final produzido. No geral, foram obtidas cerca de 18,7 mil toneladas de algodão em caroço ou 7,3 mil toneladas de algodão em pluma (redução de 57,7% em comparação ao volume produzido em 2019/20), com uma classificação qualitativa da fibra entre boa e regular.

Na Região Sul, o Paraná foi o único estado produtor de algodão nesta safra. Na Região Sul, o Paraná foi o único estado produtor de algodão nesta safra. Houve redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo, foram 800 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo, e a produção total chegou a 900 toneladas de algodão em pluma, também representando diminuição em comparação ao volume obtido no ciclo anterior (decréscimo de 30,8%).



QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica												
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2020/2021										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 1 – Fardos de grãos em Campos de Uruçuí - PI

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.677,1 mil ha
+0,7%

PRODUTIVIDADE

7.004 kg/ha
+4,3%

PRODUÇÃO

11.747 mil t
+5%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.887,5 mil t

PRODUÇÃO 11.747 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

14.634,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.000 mil t

EXPORTAÇÕES 1.150 mil t

12.150 mil t

A colheita chegou ao fim com um resultado superior àquele observado na temporada passada. Houve um pequeno aumento na área plantada, e um incremento percentual maior na produtividade média, levando à obtenção de um volume total de 5% acima do registrado em 2019/20. Ao todo, foram colhidas 11,75 milhões de toneladas, com grande destaque para a produção na Região Sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra de arroz 2020/21 será 5% maior que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo, principalmente, das estimativas de incremento da produtividade (+4,3%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+0,7) do que inicialmente prevista nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual elevado patamar de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas



regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com a cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente, sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste décimo segundo levantamento, houve significativa alteração dos números apresentados no décimo primeiro levantamento, com destaque para a revisão para baixo do volume exportado projetado para o ano de 2021, agora estimado em 1,15 milhão de toneladas. Ademais, em meio a um reajuste do consumo para um volume inferior em 2020 e um leve incremento dessa variável para 2021, alcançando 11 milhões de toneladas, segue a perspectiva, para o longo de 2021, de recomposição dos estoques de passagem, finalizando em dezembro de 2021 com 2,5 milhões de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	Ago/21	1.595,8	11.741,4	1.100,0	14.437,2	10.800,0	2.337,2
	Set/21	1.887,5	11.747,0	1.000,0	14.634,5	11.000,0	2.484,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte houve decréscimo na área plantada em 0,2% em comparação à safra anterior, por outro lado, houve crescimento na produtividade média, perfazendo assim uma produção total de 4,6% superior àquela apresentada em 2019/20, totalizando 1.037,9 mil toneladas.



Dessa forma, a região se configurou como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção em Tocantins, que obteve um pouco mais de 692 mil toneladas de arroz nesta temporada, com a maioria oriunda da rizicultura irrigada.

Em Roraima, para a safra 2020/21, área é de 21,4 mil hectares, com produtividade de 6.900 kg/ha. O plantio foi finalizado em junho, e a colheita ocorrerá entre agosto e setembro.

Na Região Nordeste também ocorreu o aumento na área plantada, especialmente no Maranhão, Piauí, Ceará e na Paraíba. Atrelada a isso, houve boas condições climáticas ao longo do ciclo, o que possibilitou incremento no rendimento médio da região, alcançando 2.119 kg/ha. Portanto, a produção total foi de 352,3 mil toneladas, representando acréscimo de 8,8% em comparação ao volume colhido em 2019/20.

O Centro-Oeste é a terceira região que mais produz arroz no país. O resultado final dessa safra teve como maior destaque a produção mato-grossense, com quase 68% das 622,5 mil toneladas colhidas na região. Além disso, o Mato Grosso do Sul e Goiás também apresentaram incremento no volume final obtido em relação a 2019/20, consolidando assim uma boa safra de arroz no Brasil central.

Na Região Sudeste, a rizicultura é menor em comparação às demais regiões brasileiras. Mesmo que haja produção nos quatro estados, a área destinada à cultura é pequena, com maior porção observada em São Paulo. No total, foram 10,1 mil hectares colhidos na região, com uma produção de 47,2 mil toneladas. As condições climáticas começaram oscilantes, mas durante o ciclo melhoraram e favoreceram o desenvolvimento da cultura, assim, apresentou um rendimento médio superior à temporada passada.



Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A área semeada se manteve próxima ao patamar da safra passada, 1.115,6 mil de hectares, porém o rendimento médio para a região foi satisfatório, atingindo 8.683 kg/ha, representando aumento em relação a 2019/20, de 5,1%.

Em Santa Catarina, a safra já foi finalizada, e a produtividade média surpreendeu positivamente e foi a maior dos últimos anos. Tendo em vista os preços atrativos durante a safra, os produtores optaram por cultivares mais produtivas no estado, mas que necessitavam de maiores investimentos nos tratos culturais.

O clima favorável permitiu a expressão do potencial produtivo dos pacotes tecnológicos adotados. Em média, produziu-se 8.445 kg/ha, totalizando uma produção de 1.254,9 mil toneladas no estado.

No Rio Grande do Sul foi finalizada a colheita do arroz. A produtividade média foi uma das maiores dos últimos anos, com 8.750 kg/ha. As regiões da Fronteira Oeste e Zona Sul tiveram as melhores médias do estado.

Apesar dos problemas com a estiagem na época da semeadura, principalmente na Fronteira Oeste, o preparo antecipado do solo, a semeadura realizada na época preferencial em todo o estado, as boas condições de temperatura e luminosidade durante o ciclo da cultura, a rotação de cultura com a soja, o eficiente controle de plantas daninhas e o uso de sementes certificadas, aliados ao uso de alta tecnologia e com assistência técnica do Irga/RS, foram fatores importantes para os ótimos números da safra em todo o estado. Ao todo, foram 8.277,5 mil toneladas colhidas no estado, um aumento de 5,2% em comparação à safra 2019/20, em uma área semeada de 946 mil hectares.

**FEIJÃO****ÁREA**2.923,3 mil ha
-0,1%**PRODUTIVIDADE**977 kg/ha
-11,5%**PRODUÇÃO**2.856,1 mil t
-11,4%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTOESTOQUE INICIAL 250,3 mil t
PRODUÇÃO 2.856,1 mil t
IMPORTAÇÕES 1.000 mil t
3.206,4 mil t**DEMANDA**CONSUMO INTERNO 2.900 mil t
EXPORTAÇÕES 160 mil t
3.060 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio dentro do ano-safra, favorecendo assim uma oferta constante do produto. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo produziu cerca de 976,6 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal resultado representou redução de 11,7% em relação ao volume obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia, impactando na produtividade das lavouras.

Quanto às lavouras de segunda safra, suas operações de colheita estão praticamente finalizadas, devendo confirmar a expectativa de redução no volume total obtido em comparação à temporada passada. De maneira geral, as oscilações climáticas também reduziram o potencial produtivo da



cultura em regiões importantes, fazendo com que a previsão nacional para a produção ficasse inferior àquela verificada em 2019/20, estimando-se em 1.135,3 mil toneladas (diminuição de 8,8% em relação ao resultado obtido no exercício anterior).

Já o feijão de terceira safra segue, em sua maioria, nas fases de maturação e efetiva colheita. Assim como no período anterior, as condições climáticas não foram tão favoráveis em algumas das principais regiões produtoras, especialmente no quesito das precipitações abaixo do esperado. Assim, a expectativa também é de redução na produção total, devendo ficar em 744,3 mil toneladas colhidas.

Somando os três períodos, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21 é de destinação de 2.923,2 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 2.856,1 mil toneladas, sendo 11,4% inferior ao volume colhido na temporada passada.

OFERTA E DEMANDA

Em relação ao feijão cores, o mercado segue calmo em virtude do fraco movimento dos compradores, que seguem interessados em mercadorias de padrão comercial, com preços abaixo de R\$ 280 a saca. A demanda continua enfraquecida, mantendo o mercado com elevadas sobras de mercadorias. Apesar da menor oferta, os comerciantes seguem abastecidos, adquirindo produto, em sua maioria, para suprir necessidades imediatas.

Na terceira safra, parte da produção é conduzida sob pivôs, cujo produto exerce forte influência nas cotações devido sua boa qualidade, visando atender aos consumidores mais exigentes. Contudo, houve uma trajetória



de queda dos preços, justificada pelo fraco interesse dos compradores nesse padrão de mercadoria, reflexo da menor demanda no varejo.

Já em relação ao feijão-comum preto, o mercado está acomodado, apesar da menor oferta do produto nacional com o final da colheita no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em junho. A maior parte da mercadoria colocada à venda é proveniente da Argentina, e os produtores daquele país estão cientes que só teremos oferta própria a partir de dezembro, quando for intensificada a colheita da primeira safra ou safra das águas, no Sul do país.

Em se tratando da balança comercial, esperava-se uma expressiva redução no volume importado, mas as adversidades climáticas verificadas no Sul do país, notadamente no Paraná, comprometeram mais de 100 mil toneladas da produção esperada. Dessa forma, os números deverão ser semelhantes ou pouco menores que em 2020. Quanto à exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, também deverá ficar em torno da registrada em 2020.

Neste levantamento, a Conab estima uma produção de 2,86 milhões de toneladas. Esse volume representa um decréscimo de 11,4% em relação à registrada em 2019/20. Agora, com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno recue, situando-se em 2,9 milhões de toneladas.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 250,3 mil toneladas, o consumo em 2,90 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 146,4 mil toneladas, menor desde a safra 2012/13. Apesar disso, o abastecimento do mercado não deverá ser comprometido na safra 2021/22.



TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,6	113,6	3.576,9	3.150,0	176,6	250,3
2020/21	Ago/21	250,3	2.940,0	100,0	3.290,3	3.000,0	160,0
	Set/21	250,3	2.856,1	100,0	3.206,4	2.900,0	160,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores, na temporada 2020/21, está praticamente finalizada, confirmando a expectativa de diminuição no volume total colhido em comparação ao ano passado. Houve redução na área plantada e também adversidades climáticas durante o ciclo da cultura, principalmente no que diz respeito ao regime pluviométrico no Centro-Sul, que impactaram no desenvolvimento e no potencial produtivo da cultura. Assim, o resultado atual estimado é de 442,1 mil toneladas colhidas, representando decréscimo de 22% em comparação a 2019/20.

Em Rondônia foram cerca de 3,3 mil hectares colhidos com a cultura nessa segunda safra. As operações finalizaram na primeira quinzena de julho, e o resultado obtido foi de 4,2 mil toneladas, sendo um pouco menor que na temporada passada em razão da redução de área.

Na Paraíba, as operações de colheita estão em fase final nos 23,9 mil



hectares destinados ao cultivo do feijão-comum cores de segunda safra. A produção estimada é próxima daquela alcançada em 2019/20, e deve ficar em 10,6 mil toneladas colhidas.

Na Bahia, a colheita de 15 mil hectares destinados à cultura nesse período está finalizada. O cultivo é mais tardio, depois da colheita da soja, justamente para mitigar a incidência de mosca-branca, porém sem sofrer com os impactos da redução das precipitações durante o outono-inverno no extremo-oeste baiano (local onde está a maior concentração desse cultivo). As lavouras foram manejadas sob irrigação e mantiveram um bom potencial produtivo, alcançando 40,5 mil toneladas colhidas. Vale destacar o expressivo aumento de área em relação ao ano passado, algo que potencializou esse bom resultado.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-comum cores segunda safra está encerrada nos 24,1 mil hectares semeados com a cultura nesse período. A escassez de precipitação em momentos críticos do desenvolvimento das plantas fez com que o potencial produtivo da cultura fosse afetado, apresentando, assim, redução no rendimento médio alcançado. Além disso, houve diminuição na área plantada em comparação ao ano passado, impactando ainda mais no resultado final. Dessa forma, a produção total ficou em 34,6 mil toneladas, representando decréscimo de 55,9% em comparação ao resultado obtido em 2019/20.

Em Minas Gerais houve redução na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nessa segunda safra, se comparado ao visualizado na temporada passada. Foram 95,2 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada, representando diminuição de 22,5% em relação a 2019/20. A colheita está encerrada, e o volume total foi bastante impactado pela diminuição de área e pelas oscilações climáticas ao longo



do ciclo (períodos de estiagem, baixas temperaturas e geadas). Assim, a produção ficou aquém daquela obtida na temporada anterior, ficando em 117,3 mil toneladas (decréscimo de 30,7%).

No Paraná, a colheita está encerrada, confirmando as recentes previsões de redução no rendimento das lavouras em razão das oscilações climáticas, especialmente pela escassez de chuvas em períodos críticos do desenvolvimento da cultura e a ocorrência de geadas. É bem verdade que as primeiras áreas colhidas obtiveram boas produtividades, mas as lavouras mais tardias foram impactadas por essas intempéries climáticas e isso redundou em diminuição no potencial produtivo das plantas e na qualidade dos grãos formados. Assim, mesmo com o aumento de área plantada visualizado nesse ciclo, a produção foi 6,5% inferior àquela obtida em 2019/20, ficando em 125,3 mil toneladas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para esta temporada houve acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, particularmente no Sul do país, ajudando a alcançar uma destinação nacional de 192,1 mil hectares para o cultivo no período.

Quanto à produção, foram obtidas 223,4 mil toneladas, representando incremento de 21,1% em comparação ao exercício passado, especialmente pelo aumento de área já referido.

Na Paraíba, a colheita está em andamento nos 2,6 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo. O aumento de área em comparação a 2019/20 deve amenizar a expressiva queda no rendimento médio devido à escassez hídrica, principalmente. Assim, a produção total estimada é de 700 toneladas (30% inferior ao resultado de 2019/20).



Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área destinada nesta safra foi de 6,4 mil hectares, com obtenção de 4,7 mil toneladas.

No Paraná, o expressivo aumento de área visualizado nesse ciclo impulsionou as estimativas para a presente safra. Ao todo, foram 134,5 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra, representando aumento de 23,2% em relação ao total cultivado em 2019/20. Houve atraso no plantio, que acarretou em problemas para as lavouras, principalmente por ficarem mais susceptíveis ao estresse hídrico (devido aos menores níveis de precipitação que tradicionalmente ocorre no período de outono/inverno) que acometeu as plantas em fases críticas de seu desenvolvimento (como floração e enchimento de grãos), além de incidência de geadas ao fim do ciclo. Ainda assim, mesmo com a redução estimada para a produtividade média, a produção total foi superior àquela registrada em 2019/20, alcançando cerca de 153,7 mil toneladas. A colheita está finalizada.

Em Santa Catarina houve aumento na área semeada em comparação a 2019/20 (incremento de 47,2%). Os preços atrativos pagos pelo produto e a janela de plantio encurtada para o cultivo da soja “safrinha”, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão. Assim, foram 29,1 mil hectares destinados a tal plantio nessa segunda safra. No entanto, as chuvas escassas de março e abril comprometeram a expressão do potencial produtivo da cultura e do pacote tecnológico empregado pelos produtores. Com a colheita encerrada, o que se obteve foi uma redução na produtividade média em relação à safra passada, mas que acabou sendo contornada pelo incremento de área, fazendo com que a produção total alcançasse 35,4 mil toneladas (acréscimo de 28,7% em relação à temporada anterior).



No Rio Grande do Sul, a colheita está encerrada. Apesar da ocorrência de geadas, principalmente no Planalto Médio, as condições climáticas ao longo do ciclo foram consideradas boas, se comparada à safra passada, que registrou severos períodos de estiagem. Nesta temporada a produtividade ficou em 1.472 kg/ha, e a produção final na ordem de 27,7 mil toneladas (resultado 23,7% superior ao visualizado em 2019/20).

FEIJÃO-CAUPI

Em Tocantins, o feijão-caupi na segunda safra é cultivado tanto em condições de sequeiro quanto subirrigado (em sucessão ao arroz irrigado). Nesta temporada, houve expressivo aumento de área plantada, o que culminará em maior produção total. De maneira geral, as lavouras em sequeiro já foram colhidas, e apresentaram bom rendimento. Já as áreas irrigadas estão em plena fase de maturação e colheita, com previsão de produtividade um pouco menor que em 2019/20, mas também favorecida pelo acréscimo de área. No total, a perspectiva é de produção estadual na ordem de 58 mil toneladas (incremento de 77,9% em comparação ao ano passado).

Na Paraíba, mesmo com toda pulverização do cultivo do feijão-caupi, a colheita segue em bom ritmo, com aproximadamente 90% dos 66,7 mil hectares semeados colhidos até o fim de agosto. De maneira geral, as oscilações climáticas influenciaram diretamente no rendimento das lavouras, tendo a irregularidade das chuvas como fator preponderante para a redução na produtividade média em comparação a 2019/20. Inclusive houve redução na área total, pois algumas lavouras não chegaram a efetivamente apresentar produção. Assim, o volume final estimado é de 19,7 mil toneladas, representando diminuição de 40,3% em relação ao volume obtido na temporada passada.



No Ceará, a destinação de área para o feijão-caupi é bastante grande. O cultivo está pulverizado por diversas regiões do estado, visto que só nessa segunda safra, da temporada 2020/21, foram um pouco mais de 386 mil hectares direcionados para tal produção. De maneira geral, o ciclo apresentou oscilações climáticas, especialmente no parâmetro precipitação, visto que as chuvas registradas ficaram abaixo do esperado em muitas localidades. Assim, houve redução no volume total colhido em comparação ao ano passado, alcançando uma produção de 110,8 mil toneladas.

Em Pernambuco, mais especificamente na mesorregião do sertão (chapada do Araripe e regiões serranas), foram destinados 104,7 mil hectares para o plantio de feijão-caupi nessa segunda safra. O clima foi considerado desfavorável durante parte do ciclo da cultura, isso acarretou em redução no potencial produtivo, especialmente em razão dos baixos níveis de precipitação nas localidades em questão. Assim, a produção final ficou em 24,1 mil toneladas, sendo 40% inferior ao resultado de 2019/20.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra também apresentou aumento de área (assim como o feijão-comum cores), em razão do atraso da colheita de soja e o consequente encurtamento da janela para o plantio de milho nessa sucessão. Assim, o feijão, que possui um ciclo menor, acabou ganhando espaço, e alcançou, nesta safra, cerca de 50 mil hectares semeados (incremento de 42,9% em relação a 2019/20). As lavouras estão em fase final de colheita, devendo alcançar um bom resultado final (estima-se acréscimo na produção de 86,8% em comparação à temporada anterior devido ao expressivo aumento de área plantada e às melhores condições edafoclimáticas).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está encerrada



nos 152,8 mil hectares semeados com a cultura nesse período. Observa-se que, mesmo para o feijão-caupi, que é uma cultura mais rústica e menos sensível à escassez hídrica, houve redução de rendimento médio, pois parte das lavouras foi semeada fora da janela ideal e tem sofrido com a escassez hídrica. No entanto, o bom incremento de área plantada visto nesse ciclo potencializou a produção final, que chegou a 146,5 mil toneladas do grão, resultado um pouco maior que o obtido em 2019/20.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MA	Oeste Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Centro Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Sul Maranhense			S/E	DV/F	EG/M	M/C					
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sudeste Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		SS	S/E	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C				
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Noroeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Central Mineira		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Vale do Rio Doce		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Oeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Campo das Vertentes		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Zona da Mata		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
	Central Espírito-Santense		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C					
ES	Campinas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	SP	Assis		S/E	DV/F	EG	EG/M	C				continua
		Itapetininga		S/E	DV/F	EG	EG/M	C				



UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
PR	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

A colheita avança por todo país e, com isso, vai se confirmando a expectativa de redução na produção final em comparação à temporada 2019/20. O decréscimo de área plantada e as adversidades climáticas em diversas regiões perfizeram uma produtividade média aquém do esperado, devendo totalizar uma produção de 744,3 mil toneladas (14,7% menor que o exercício anterior).

FEIJÃO-COMUM CORES

A safra está chegando em suas fases finais, consolidando a expectativa de diminuição no resultado em comparação a 2019/20, tanto pelo decréscimo de área plantada quanto pelo rendimento médio aquém do esperado, principalmente no Nordeste e Sudeste/Sul, em decorrência das intempéries climáticas (estiagem e geadas) registradas ao longo do ciclo da cultura em diversas regiões produtoras. Dessa forma, a previsão é de



obtenção total de 697 mil toneladas no país, sendo 15,2% menor que o volume colhido na temporada passada.

Em Pernambuco, a destinação de área para o plantio do feijão-comum cores terceira safra foi de 76,8 mil hectares. Esse cultivo se concentrou na região do Agreste e vem apresentando condições satisfatórias. É bem verdade que as lavouras de plantio mais cedo sofreram com certa restrição hídrica em razão das chuvas abaixo do esperado, no entanto, as lavouras mais tardias puderam se desenvolver em um cenário mais favorável, com o registro de chuvas em níveis normais e com distribuição mais regular. No geral, a estimativa de produção é 59,9 mil toneladas, visto que cerca de 80% da área total já foi colhida até o fim de agosto.

Na Bahia, esse período é de grande relevância para a produção de feijão-comum cores. Na temporada atual, por exemplo, foram semeados cerca de 161,5 mil hectares com a cultura, representando a maior destinação de área entre todos os estados durante a terceira safra de feijão. A cultura se concentra, majoritariamente, na região nordeste do estado, e as lavouras atualmente estão em fase de colheita (cerca de 60% da área já colhida até o fim de agosto). A má distribuição das chuvas causou perdas nas lavouras cultivadas, visto que as plantas avançam para a fase de florescimento, tendo pouco desenvolvimento vegetativo (as lavouras não conseguiram cobrir o solo). Nesse cenário, a expectativa é de redução na produtividade média em comparação a 2019/20, que, atrelada à diminuição na área plantada, deverá redundar em uma produção bem inferior àquela verificada no ano passado (estimativa atual é de produção na ordem de 84 mil toneladas, representando decréscimo de 59,1%).

Em Mato Grosso já há colheita em andamento, com registros de bons rendimentos e qualidade satisfatória dos grãos obtidos. A perspectiva



é que, com o aumento de área semeada em comparação a 2019/20, o volume total colhido seja superior à temporada passada, chegando a 162,3 mil toneladas produzidas (incremento de 26%).

Em Goiás, a colheita está em fase final nos 48,4 mil hectares semeados com a cultura nesta safra. O produto obtido tem sido de boa qualidade, com rendimentos satisfatórios. Nas lavouras mais tardias, localizadas principalmente em Cristalina e no oeste goiano (Jussara, Britânia e Santa Fé), a previsão é que as operações de sega se estendam até setembro. A redução na área plantada deve impactar o resultado final esperado, que está estimado em 145,2 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura foi duramente castigada pelas geadas. A primeira ocorrência do fenômeno foi no fim de junho e trouxe danos significativos à várias lavouras do estado. Depois, ao final de julho, nova incidência da intempérie em proporções também relevantes, fazendo com que muitas áreas que estavam em recuperação fossem destruídas. Em consequência disso, quase metade da área semeada deixou de ser colhida, impactando no resultado final da safra. Além dos efeitos quantitativos, as geadas ocorreram no início do enchimento de grãos, ocasionando a perda de toda a área foliar das plantas. Dessa forma, os grãos não se desenvolveram, e gerou o tipo que é chamado de “chumbinho” pelos operadores comerciais desse mercado, o qual não apresenta valor para venda. Assim, o resultado final foi desanimador, alcançando uma produção de 1,1 mil toneladas, sendo 21,4% menor que o volume colhido em 2019/20.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo destinaram área para o plantio de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo, foram 84,3 mil hectares distribuídos entre os dois estados, porém com concentração bem maior no primeiro. Assim, a estimativa aponta para 69,1 mil hectares



semeados com a cultura em território mineiro, com previsão de produção de 175,9 mil toneladas. Já em São Paulo, foram semeados 15,2 mil hectares, visto que tal cultivo é manejado em condição irrigada e apresenta, tradicionalmente, bons desempenhos quantitativos e qualitativos, especialmente por lançar mão de um manejo intenso no controle da mosca-branca, que é a praga-chave para a cultura, além de ser vetor de doença importante (vírus do mosaico dourado). A colheita está recém-concluída, alcançando cerca de 31,9 mil toneladas (resultado menor que em 2019/20 em razão da escassez hídrica, que também impactou lavouras irrigadas).

Na Região Sul, o único estado produtor nesse período é o Paraná, com uma pequena porção de área destinada a tal cultivo. Nesse ciclo foram 1,1 mil hectares semeados, com uma expectativa de produção na ordem de 300 toneladas. Tal estimativa considera perdas importantes de rendimento e até redução na área plantada em comparação aos números observados em 2019/20. As intempéries climáticas como estiagem e geadas registradas durante o ciclo têm peso importante nessa projeção.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Pernambuco, que alcançou 16,2 mil hectares semeados (mais especificamente na região do Agreste pernambucano). A colheita está em andamento e deve atingir cerca de 12 mil toneladas.



FEIJÃO-CAUPI

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. As lavouras já se encontram em fases reprodutivas e até mesmo em colheita, com projeção de obtenção de aproximadamente 35,3 mil toneladas.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS-FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva					Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva					Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva					Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano								S/E	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	
BA	Nordeste Baiano	C								S/E	DV/F	F/EG/M	EG/M/C
MT	Norte Mato-grossense	C								E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 2 – Feijão 3ª safra enfileirado no DF

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

19.867,7 mil ha

7,2%

PRODUTIVIDADE

4.316 kg/ha

-22,1%

PRODUÇÃO

85.749 mil t

-16,4%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t

PRODUÇÃO 85.749 mil t

IMPORTAÇÕES 2.300 mil t

98.651,4 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 70.856 mil t

EXPORTAÇÕES 22.000 mil t

92.856 mil t

O desempenho das lavouras de milho aponta para uma produção de 85,7 milhões de toneladas, representando o pior registro desde a temporada 2017/18.

Para o milho primeira safra, os trabalhos relativos à cultura já foram encerrados. A lavoura de segunda safra, cujas operações de colheita foram intensificadas a partir de junho, encontra-se na fase de finalização da colheita. O milho terceira safra, que se desenvolve nas regiões do Sealba, Roraima e Amapá, encontra-se, na sua maioria, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, enfrentando em algumas regiões restrições do clima, que, se persistir, poderá afetar o desempenho das lavouras nas próximas semanas.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a Conab apresenta sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 85,7 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 16,4% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade de 27% na segunda safra, comparada ao ano anterior.



Para os dados de consumo doméstico, a Conab reduziu sua projeção de consumo doméstico para 70,9 milhões de toneladas. O ajuste ocorre diante da verificação de uma menor disponibilidade do cereal para consumo. Entretanto, compete destacar que o volume total de milho a ser consumido internamente segue como o maior da série projetada pela Conab e acompanha o bom desempenho do setor de proteína animal brasileiro, principal setor demandante do cereal no país.

A Conab manteve inalterada sua projeção de importação de milho em 2,3 milhões de toneladas, por outro lado, reduziu a expectativa de exportação para 22 milhões de toneladas. Dessa feita, o volume total a ser exportado na safra em curso deverá ser 36,9% inferior ao observado no mesmo período do ano passado. Esse ajuste de dados sobre o comércio do milho ocorre diante da verificação de uma menor disponibilidade do grão e dos elevados preços domésticos que incentivam a venda para o mercado interno.

Diante dos ajustes citados, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 5,8 milhões de toneladas, redução de 45,3% em comparação à safra anterior. Esse novo arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pela menor disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento das lavouras de segunda safra.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.397,1	56.319,1	18.847,3	5.231,4
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	Ago/21	10.602,4	86.650,1	2.300,0	99.552,5	70.910,0	5.142,5
	Set/21	10.602,4	85.749,0	2.300,0	98.651,4	70.856,0	5.795,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.



AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das chuvas interferiu no planejamento das lavouras do milho primeira safra. Mesmo assim, a área plantada, em linha com uma tendência de crescimento já observada nas últimas temporadas, atingiu 2,6% em relação à safra passada, atingindo 4.347,4 mil hectares. Esse fato, no entanto, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção apresentando redução, que atingiu 24.744,2 mil toneladas, decréscimo de 3,7% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada de 5%, estimada em 1.391,6 mil hectares. A produção registrou redução de 0,6% em relação ao período anterior, atingindo 5.907,2 mil toneladas.

Na Região Centro-Sul ocorreu aumento na área de 1,6%, estimada em 2.955,8 mil hectares. A produção apresentou redução de 4,6% em relação à safra passada, atingindo 18.837 mil toneladas.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

A segunda safra de milho contempla os danos causados pelo clima nos principais estados produtores. Além da seca ocorrida em momentos cruciais das lavouras, houve a ocorrência de massas de ar frio que trouxeram geadas nos principais estados produtores da Região Centro-Sul. Neste momento, com os registros de acentuadas perdas nas lavouras, os produtores buscam cumprir os contratos firmados nas fases de comercialização antecipada da safra, mas nas regiões mais afetadas já



há relatos de renegociações sendo efetuadas. Mesmo com o aumento de 8,6% na área plantada, estimada em 14.935,5 mil hectares, as condições climáticas adversas derrubaram os níveis de produtividade, para 3.982 kg/ha, redução de 27% em relação à temporada passada. A produção estimada atingiu 59.471,5 mil toneladas, representando queda de 20,8%, comparada à safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, a área de plantio atingiu 1.747,9 mil hectares, com aumento de 11,3% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura provocou o comprometimento nas produtividades das lavouras, fazendo que a produção ora estimada atinja 4.460,6 mil toneladas, decréscimo de 1,6% frente à temporada passada.

No Pará, o milho segunda safra apresentou forte incremento na área, apesar de parte das regiões semeadas não terem sido plantadas no período mais favorável, haja vista que sucedeu a soja. No oeste do estado ainda persiste a colheita do milho, mas já em processo de finalização. O destaque na produção vai para os municípios de Santa Maria das Barreiras e Santana do Araguaia, maiores produtores e localizados na região sul do estado.

No Maranhão, a segunda safra de milho foi implantada do final de fevereiro até março, e em algumas unidades produtivas, fora da janela ideal de plantio. A colheita das lavouras foi finalizada em meados de agosto. A área plantada foi de 200,8 mil hectares, representando aumento de 10,1% em relação à safra anterior, influenciado pela alta lucratividade da cultura, sobretudo no mercado doméstico. A produtividade média atingiu 5.078 kg/ha, com redução de 5,2% em relação à safra anterior devido às chuvas reduzidas em abril e maio.



No Piauí houve aumento na área com relação à safra anterior, já que muitos produtores conseguiram implantar as áreas de soja ainda em outubro. Com isso, a colheita foi antecipada, propiciando uma maior janela de plantio e em condições climáticas mais favoráveis para o cereal. O plantio teve início a partir do segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. A colheita iniciou no terceiro decêndio de junho e avançou normalmente, estando praticamente finalizada, com 98% colhido. Registrou-se nesta safra uma área plantada de 94,9 mil hectares, 195,7% superior à área da safra passada, justificado pela conjuntura favorável dos preços e pelas condições climáticas durante o período do plantio. No final do ciclo da cultura, as chuvas ocorridas a partir de maio foram irregulares e de baixa intensidade, prejudicando a fase de enchimento de grãos nas áreas plantadas em março. Em razão disso, a produtividade obtida foi de 3.009 kg/ha, 34,1% menor que a obtida na safra anterior.

Em Tocantins, estima-se que 98% da área de milho foi semeada durante março, condicionado ao encerramento da colheita da soja, que, por motivos de excessivas precipitações, ficou paralisada por aproximadamente quinze dias durante fevereiro. Com isso, somente cerca de 25% das áreas foram semeadas na janela ideal de plantio, que costuma ser até o primeiro decêndio de março e 75% das lavouras foram semeadas no restante do mês, com registro de semeaduras até o dia 26 de março. Os produtores vêm consorciando o milho com brachiaria, no sentido de melhorar as propriedades físicas, químicas e biológicas do solo. Por estarmos em uma região quente e úmida, a degradação da palhada é acelerada e, com esse manejo/investimento, o produtor visa a melhoria da produtividade na cultura dos grãos. A colheita foi concluída, e a produtividade média das lavouras fechou em 4.105 kg/ha, uma queda de 19,3% em comparação à safra passada.



Em Rondônia, a área cultivada com milho atingiu 200 mil hectares, 7,5% maior que a safra passada. A produtividade variou negativamente para 5.190 kg/ha, com redução de 0,4% em relação à safra passada. A produção será 7,1% maior que a safra passada, totalizando 1.038 mil toneladas. A colheita foi finalizada na última semana de agosto.

Na Região Centro-Sul, estimuladas pelas cotações e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, a área plantada atingiu 13.187,6 mil hectares, incremento de 8,2% sobre o exercício anterior. A produção sofreu forte revés, afetada pela combinação de escassez de chuvas e temperaturas frias acompanhadas por sucessivas geadas, estimada agora atingir 55.010,9 mil toneladas, redução de 22% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso o encerramento da colheita ocorreu em agosto, com a finalização dos 12,1% remanescentes no período. De modo geral, as lavouras semeadas dentro da janela ideal de plantio, algo em torno de 60% do total, obtiveram excelente desempenho, impulsionado pelos crescentes investimentos empregados na cultura. Por outro lado, em relação à parcela restante, semeada fora da janela, houve grande diversidade nos rendimentos, a depender se a região obteve um maior ou menor grau de estiagem, ainda que o impacto negativo tenha sido generalizado sobre todo o estado. Houve relatos pontuais de lavouras que não chegaram a ser colhidas, cenário que coexiste em Mato Grosso com a ocorrência de armazenagem de milho a céu aberto em certas localidades de municípios de maior produtividade. Se não fosse o atraso na semeadura de parcela relevante da área, o milho certamente teria rendimento médio recorde. A ponderação destas áreas que obtiveram excelente resultado com as que sofreram mais resulta em produtividade média de 5.625 kg/ha, que representa queda de 12% em relação aos 6.392 kg/ha registrados na safra passada.



Em Mato Grosso do Sul não há mais risco climático para lavouras de milho, visto que 62,5% das áreas já foram colhidas e os 37,5% restantes estão em processo de perda de umidade dos grãos. Os produtores temem a ocorrência de vendavais que possam tombar as plantas e incêndios devido ao clima quente e seco no final de agosto. A colheita está praticamente encerrada nas regiões norte e nordeste, no centro, gira em torno de 65%, e nos municípios próximos à divisa com o Paraguai estão mais atrasados, com percentuais em torno de 25%. O fechamento da produtividade média nos municípios com colheita mais avançada está adequada ao que vinha sendo detectado nos levantamentos anteriores, dando indicativo que não teremos muita variação no encerramento desta safra. A partir desse momento, a colheita avança para áreas mais afetadas que, além da prolongada seca, também passaram por eventos de geadas. Os produtores relatam que os grãos destas áreas têm apresentado baixo peso, mas a qualidade ainda tem se mantido adequada, sem a ocorrência de descontos por conta de grãos avariados e ardidos.

Em Goiás, cerca de 85% da área de milho já foi colhida. Na parte leste do estado, em virtude da baixa disponibilidade de secadores e rede armazenadora, o ritmo segue lento (em média 60% colhido). A qualidade colhida deixa a desejar, tanto no tamanho quanto no peso dos grãos.

Em São Paulo, o bom desempenho das lavouras de milho esteve diretamente relacionado à época da semeadura, ocorrendo nesta safra entre janeiro e março na maioria dos casos. Ao longo do desenvolvimento vegetativo das lavouras, as más condições climáticas (falta de chuvas) e geadas promoveram reduções substanciais nos níveis de produtividades. Com o aumento da temperatura nas últimas semanas, ocorreu o ganho no ritmo da colheita, acreditando-se que dentro das próximas semanas a colheita se encerrará.



QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica										
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
RN	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PB	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
PE	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
MS	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MG	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
SP	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C	C
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Fonte: Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA - 2020/21

A terceira safra de milho na região do Sealba, Amapá e Roraima contará com uma área de 584,8 mil hectares, correspondendo a um incremento de 9,2% sobre o observado na safra passada. As condições climáticas apresentam-se na maior parte das regiões favoráveis, e os preços atrativos estimularam os produtores a utilizarem bons pacotes tecnológicos, a despeito do aumento expressivo do custo de produção. Regiões produtoras mais distantes do litoral, na Bahia, Alagoas e Sergipe, foram afetadas pela falta de chuvas, surpreendendo as lavouras no início dos estágios reprodutivos.

Na Bahia, no plantio do milho terceira safra, são observados dois sistemas de manejo distintos. Cerca de 25% de toda a área cultivada no nordeste do estado é realizada com intenso uso de máquinas e insumos, sendo todas as operações mecanizadas. Outros 75% do cultivo é realizado com reduzido uso de insumos, com a mecanização do preparo da área e debulhamento das espigas de milho (em algumas localidades o plantio e as pulverizações são mecanizadas), sendo as demais operações como plantio, capina, pulverização e colheita realizada de forma manual. Estima-se o cultivo de 25% da área com sementes transgênicas, 50% com sementes híbridas e 25% de grãos (sementes armazenadas da safra anterior, sementes crioulas e variedades híbridas). A colheita não foi iniciada, não havendo relatos de venda antecipada, e as lavouras apresentam-se com perfis qualitativos que variam de 25% do total com boa performance e 75% com média qualidade, com cerca de 80% no estágio de enchimento de grãos e 20% em maturação. Nos últimos 30 dias foram registradas chuvas em toda a região produtora, trazendo conforto para as lavouras e favorecendo a fase de enchimento de grãos. No entanto, não foi possível reverter as perdas



de produtividades ocorridas em algumas localidades devido ao estresse hídrico verificado em maio.

Em Pernambuco, o milho terceira safra é semeado na mesorregião do Agreste, normalmente entre abril e junho. No geral, o comportamento das chuvas tem se dado dentro da normalidade, e a cultura se encontra com 20% no estágio de florescimento, 50% em enchimento de grãos e 30% em maturação. Dada a crescente necessidade do produto na região e à consequente valorização do cereal, alguns produtores se organizaram e vêm investindo no amplo emprego de tecnologia nas lavouras, com utilização de variedades híbridas e mais produtivas, além de plantio, trato culturais e colheita mecanizada.

Em Alagoas, com um volume de produção esperada de 172,9 mil toneladas, cultivado em 44,2 mil hectares, o cultivo de milho é a grande aposta do setor nesta safra. Neste levantamento observa-se uma expectativa de elevação na produção de 181,6% em relação à safra anterior e mesmo do levantamento anterior. Isso ocorreu devido a ajustes realizados junto aos informantes, tanto na área levantada quanto nas expectativas com relação à produtividade. A produção de milho se profissionaliza cada vez mais com os investimentos em tecnologia e, em muitos casos, não difere das lavouras do centro-sul. A maior parte das lavouras de milho está em fase de secamento da palhada, embora o solo ainda esteja úmido devido às chuvas. A expectativa é que em setembro as chuvas cessem e muitos produtores estimam iniciar a colheita a partir do dia 10 de setembro, quando se espera umidade do grão em torno de 14%.

Em Sergipe, apesar dos veranicos em maio e junho, nos principais municípios produtores, as chuvas ocorridas em julho e agosto ajudaram a minimizar os prejuízos. A expectativa é que as precipitações continuem



nos patamares atuais nos principais municípios produtores, de forma que cessem os danos já causados. Com as informações coletadas no presente levantamento, manteremos rendimento médio previsto para a safra atual de 4.180 kg/ha. Os impactos causados pela falta de umidade no solo causaram prejuízos justamente nos municípios com maiores plantios, quando as lavouras estavam em pleno desenvolvimento vegetativo. As lavouras se encontram basicamente nos estágios reprodutivos, com 10% delas nas fases de embonecamento e polinização, 25% nos de enchimento de grãos, enquanto 60% se aproximam da maturação fisiológica. Com isso, a continuidade das chuvas e umidade do solo são importantíssimos para manter os rendimentos previstos, impactando de forma decisiva na produtividade das áreas.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO	M/C	M/C	C					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
TO	Oriental do Tocantins - TO	M/C	M/C	M/C	C				PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
MA	Sul Maranhense - MA	M/C	M/C	M/C	C	C			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 3 – Lavoura de milho colhida na região Centro-Norte BA

Fonte: Conab.

Foto 4 – Lavoura de milho sendo colhida por colhedora mecanizada na região Centro-Norte BA



Fonte: Conab.

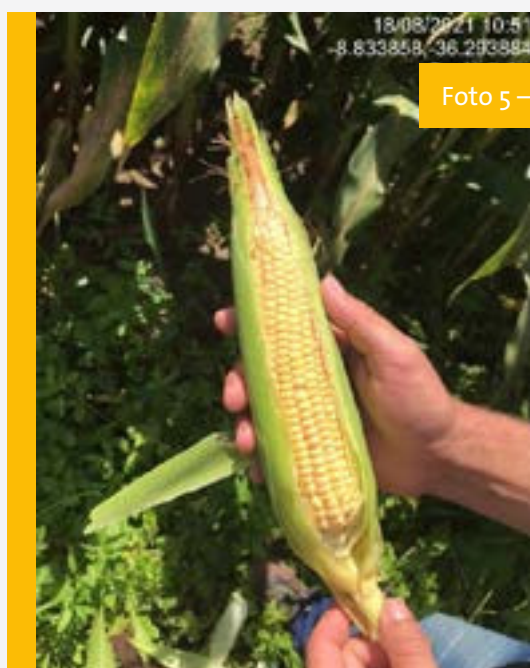


Foto 5 – Milho em Canhotinho e Calçado/PE

Fonte: Conab



Foto 6 – Milho em Garanhuns/PE

Fonte: Conab

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).

**SOJA****ÁREA**38.532,1 mil ha
4,3%**PRODUTIVIDADE**3.527 kg/ha
4,4%**PRODUÇÃO**135.912,3 mil t
8,9%Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área de soja apresentou crescimento de 4,3% em comparação à safra anterior, atingindo 38,5 milhões de hectares. Os problemas com o clima, especialmente na colheita que afetou a qualidade de lotes colhidos, não foram suficientes para comprometer a produtividade alcançada, que registrou incremento de 4,4% em relação ao exercício passado, apontam para produção recorde de 136 milhões de toneladas, representando incremento de 8,9% em comparação à safra passada.

CONJUNTURA DE SOJA**MERCADO INTERNACIONAL**

Preços Internacionais: os preços na Bolsa de valores de Chicago (CBOT) tiveram fortes variações em agosto de 2021, com a média mensal de 3,28% menor que em julho. Chegando a ser cotado a UScents 1.2936/bu, o pior valor nominal em Chicago desde dezembro de 2020.

Os impactos referentes ao clima no Meio-Oeste americano foi o principal fator de baixa dos preços internacional de agosto de 2021, além disso, a queda nos preços de petróleo e, principalmente, nos preços de óleo de soja, também afetaram negativamente os preços internacionais. O dólar em alta em relação às demais moedas também exerceu influência negativa sobre as commodities agrícolas.



Por outro lado, a redução de produção de soja em grãos americana, divulgada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), e a estimativa de que o percentual de condições favoráveis da lavoura de soja americana está bem abaixo do mesmo período de 2020, têm dado sustentação aos preços internacionais.

Tendência: os preços internacionais devem continuar sob forte influência do mercado climático, principalmente como o início da colheita de soja americana para a safra 2021/22. A demanda chinesa, o mandato de biodiesel americano e os preços de óleo de soja também estão no radar. Além disso, o andamento do plantio de soja no Brasil e os possíveis atrasos e problemas climáticos desse plantio podem influenciar os preços internacionais neste momento.

MERCADO NACIONAL

Prêmios de Portos: os prêmios de portos de agosto de 2021 foram cotados em 52% mais altos que junho e acompanhando bem de perto a média dos prêmios dos últimos cinco anos. Todavia, ainda estão bem abaixo dos valores médios de prêmios de 2020.

Dólar: a cotação média do dólar em agosto de 2021 teve uma alta de 2%, se comparado o valor da moeda em julho.

Preços internos: com as altas dos preços internacionais, prêmios de portos e dólar, os preços médios nacionais, de agosto estão 4,84% mais elevados que em julho de 2021. Se comparado a julho de 2020, os preços internos estão 41,54% maiores.

Tendência: os preços internos deverão manter bem voláteis em setembro, mas com forte tendência de alta, motivada principalmente pelos preços



internacionais. Mas os prêmios de portos também podem dar sustentação aos preços internos.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção de soja para a safra 2020/21 seja de 135,91 milhões de toneladas, com um aumento de 8,9% em relação a 2020. Este aumento de produção é motivado por um aumento de área de aproximadamente 4,3% e produtividade de 4,4%. O aumento de área foi incentivado principalmente pela alta dos preços internacionais, aliado ao dólar elevado de 2020.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) é estimada em 50 milhões de toneladas, com uma avaliação do uso para esmagamento um pouco menor que a safra de 2020.

As exportações brasileiras de soja em 2021 devem ficar em aproximadamente 83,61 milhões de toneladas, podendo ser ainda menor caso as exportações dos próximos quatro meses não apresentem um incremento esperado, se comparado a 2020. Já que, principalmente nos últimos três, as exportações de 2020 foram muito abaixo da média.

Os estoques de passagem de soja em grãos da safra 2020/21 são estimados em aproximadamente 7,52 milhões de toneladas.



ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.876,7 mil hectares, 7,5% de incremento em relação à safra anterior. As dificuldades apresentadas pelo clima não trouxeram comprometimento aos níveis de produtividade regional, e a produção atingiu 20.227,6 mil toneladas, representando incremento de 8% em relação ao exercício anterior.

Em Tocantins, nos municípios de Formoso do Araguaia e Dueré, a colheita segue com 65% da área colhida e 35% das lavouras em fase de maturação. Nas demais regiões produtoras, estima-se que apenas 5% da área semeada foi colhida. O fotoperíodo afetou o vigor produtivo de certas cultivares, ocasionando um encurtamento do ciclo da cultura. Com isso, a produtividade em certas regiões vêm fechando em torno de 2.400 kg/ha. O cultivo dessa cultura, nesta época, vem em sucessão à colheita do arroz irrigado, e a mecanização das áreas é convencional, com a utilização de grades niveladoras. Em algumas regiões adota-se a prática da queima controlada da palhada do arroz para facilitar a mecanização dos talhões. Outra maneira, é passar o rolo faca nos talhões com lâmina de água para incorporar a palhada do arroz e facilitar a mecanização da área para a implantação da soja semente. Em relação ao custeio, as empresas de sementes fornecem os insumos e assistência técnica, e uma menor parcela dos produtores custeiam com recurso próprio. A produção é comercializada com Goiás e Distrito Federal e para atender o mercado interno. A princípio, a produtividade média das lavouras está estimada em 3.151 kg/ha.

No Maranhão, a colheita se encontra finalizada em todas as regiões pesquisadas, com produtividades médias em torno de 3.267 kg/ha,



rendimento médio de 1,9% superior ao obtido na safra 2019/20, que foi de 3.206 kg/ha. A área semeada de soja, nesta safra, foi 3% superior à área passada, passando de 976,4 mil hectares para 1.005,7 mil hectares plantados.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Bastante afetada pela instabilidade do clima, particularmente no momento da colheita, felizmente a região não apresentou comprometimento no desempenho produtivo. Houve incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, com uma produção de 61.332,1mil toneladas, representando aumento de 1% em relação ao exercício passado.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, o clima não interferiu de maneira importante no desempenho das lavouras, com a produção registrando forte impulso, atingindo 11.321,1 mil toneladas. Graças ao desempenho das lavouras de soja em São Paulo e Minas Gerais, a região apresentou, nesta temporada, recordes históricos de área, produtividade e produção.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,4% em relação ao exercício anterior, atingindo recorde regional de 12.375,3 mil hectares. Com exceção ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou duramente as lavouras, o desempenho nos demais estados foi espetacular. A região apresentou produção recorde, atingindo 43.031,5 mil toneladas, representando incremento de 21,9% sobre o exercício passado.



TRIGO

ÁREA

2.691,1 mil ha

14,9%

PRODUTIVIDADE

3.031 kg/ha

13,8%

PRODUÇÃO

8.156,2 mil t

30,8%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIA 146,9 mil t

PRODUÇÃO 8.156,2 mil t

IMPORTAÇÕES 6.000 mil t

14.303,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.344,3 mil t

EXPORTAÇÕES 600 mil t

12.944,3 mil t

À medida que a safra vai se aproximando de suas fases mais agudas, as estimativas demonstram menos otimismo em comparação ao início do ciclo em virtude das intempéries climáticas registradas em diversas regiões triticultoras. A incidência de geadas e os baixos índices pluviométricos fazem com que o potencial produtivo esperado diminua. Ressalta-se que o bom aumento na área plantada em relação a 2020 tende a favorecer o resultado final a ser obtido. No entanto, essa perspectiva já foi maior, hoje, aponta para uma produção total de 8.156,2 mil toneladas, ainda 30,8% superior ao volume colhido no exercício passado, que foi uma temporada reconhecidamente abaixo do esperado em razão de adversidades climáticas.

OFERTA E DEMANDA

Em agosto de 2021, com o encerramento dos trabalhos de semeadura, o mercado doméstico se encontrava atento às condições climáticas devido à escassez hídrica e às possíveis perdas de produção e produtividade em decorrência das geadas ocorridas. As incertezas quanto às perdas nas lavouras de trigo e a quebra da safra de milho - sinalizando uma maior



demanda por farelo de trigo para uso na alimentação animal - deram suporte para os preços do trigo. A cotação do Paraná apresentou valorização de 7,4% em sua média mensal, cotada a R\$ 89,05 a saca de 60 quilos.

Até o final do mês, no Paraná, 2% das lavouras se encontravam em fase de maturação, 39% em frutificação, 35% em floração e 24% em desenvolvimento vegetativo. Em relação às condições, 58% das lavouras se encontram em boas condições, 30% em médias e 12% em ruins. Já no Rio Grande do Sul, 77% das lavouras se encontravam em fase de desenvolvimento vegetativo, 20% em floração e 3% em enchimento de grãos. Em relação às condições, 12% se encontravam em condições ruins, 30% em médias e 58% em boas condições.

No mercado internacional, a tendência baixista que vinha sendo observada foi alterada, e as cotações apresentaram valorização em resposta às preocupações com o clima em diversas regiões produtoras, à expectativa de redução da produção de importantes players mundiais, como a Rússia e Estados Unidos, que foi corroborado com a divulgação do relatório mensal do Usda, que reduziu também a estimativa da produção global. Além desses fatores, contribuiu também a demanda internacional bastante ativa e o forte movimento das exportações. A média mensal de agosto, da cotação FOB Golfo, foi de US\$ 285,55 a tonelada, apresentando valorização mensal de 8,7%.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à Balança Comercial, apontam um volume de importações para as três primeiras semanas de agosto de 2021 de 400 mil toneladas de trigo, 25,2% inferior que no mês anterior e 32,8% a menos que no mesmo período do ano passado. Essa redução, provavelmente, se deve ao fato de que ainda não foi



disponibilizado o volume total do mês de referência.

Foram revisados os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere à produção, que passou de 8.591,3 mil toneladas para 8.156,2 mil toneladas. Essa redução de 5,06% se deve à retração da estimativa de produção do Paraná devido à apuração das perdas tanto de produção como de produtividade, provenientes das intempéries climáticas ocorridas em julho e agosto. Com a redução da produção e, conseqüente, retração do volume de suprimento, a estimativa é de encerrarmos a safra com estoque de passagem de 1.358,8 mil toneladas.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2.014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2.015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2.016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2.017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2.018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2.019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.060,6	342,3	627,4
2020*	627,4	6.234,6	6.007,0	12.869,0	11.899,0	823,1	146,9
2021**	146,9	8.156,2	6.000,0	14.303,1	12.344,3	600,0	1.358,8

Legenda: (*) Estimativa,
(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, as condições para o desenvolvimento da cultura pioraram, sobretudo no norte e oeste do estado, fazendo com que cerca de 40% das lavouras de trigo paranaenses sejam consideradas como ruins ou regulares. Os eventos de geadas em julho acometeram algumas lavouras em fases reprodutivas, justamente quando a cultura é mais sensível a tais condições.



Além disso, a partir de agosto as temperaturas aumentaram bastante, trazendo maiores taxas de evapotranspiração em um cenário que já apresentava baixa umidade.

Assim, a estimativa de produtividade média diminuiu em relação ao último levantamento, porém ainda segue um pouco maior que o rendimento da temporada passada. O aumento de área plantada já confirmado deve favorecer o resultado final, que tem previsão de alcançar 3.401,8 mil toneladas. As operações de colheita estão em fase inicial, e se intensificarão a partir de setembro.

No Rio Grande do Sul, até o fim de agosto, cerca de 8% das lavouras de trigo se encontravam em fase de floração e 92% em desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas recentes não foram muito favoráveis em algumas regiões produtoras. Primeiramente, as geadas ocorridas no final de julho e início de agosto, que afetaram, mesmo que de forma diminuta (apesar de ocorrem alguns casos de mortes de plantas em baixadas), algumas lavouras que estavam em fase reprodutiva (à época, apenas 1% das lavouras estavam em estágio de florescimento). Além disso, a estiagem que acometeu o estado desde final de junho compromete o crescimento e desenvolvimento das plantas, a ponto de reduzir o potencial produtivo. Mesmo assim, a safra deve apresentar um resultado melhor que o visualizado no ano passado, tanto pelo incremento de área plantada quanto pela produtividade média que ainda deve ser maior que em 2020, em virtude das péssimas condições climáticas registradas no ano passado.

Em Santa Catarina houve expressivo aumento na área plantada com a cultura em relação à temporada anterior. Os preços atrativos pagos pelo produto e os incentivos do governo estadual ao cultivo do cereal foram



fatores determinantes para tal incremento, que chegou a 52,8% de variação em relação à área semeada em 2020, atingindo assim 93,4 mil hectares plantados.

No geral, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento, e os períodos de chuvas intercalados com estiagens favoreceram os tratos culturais, principalmente a adubação nitrogenada em cobertura e a aplicação de defensivos. Até o momento, pode-se afirmar que as condições climáticas e o pacote tecnológico empregado têm sido favoráveis, mas a incidência de geadas pode impactar o potencial produtivo da cultura, devendo ser melhor avaliado nos próximos meses. Até o fim de agosto, 86% das lavouras estarão em estágio de desenvolvimento vegetativo, 12% em florescimento e 2% em enchimento de grãos.

Em Minas Gerais houve redução na área plantada em comparação ao ano passado devido ao menor direcionamento de áreas para as lavouras em manejo irrigado. Assim, o cultivo total deve alcançar 73,9 mil hectares, representando decréscimo de 14,2% em comparação ao valor direcionado na temporada passada. Nesse cenário, as perspectivas de produção apontam para um volume total na ordem de 175,4 mil toneladas, indicando diminuição em relação às 227 mil toneladas colhidas em 2020.

Em São Paulo, para as lavouras mais avançadas, em que o trigo se encontra em fase leitosa (antes de iniciar a maturação), as informações são de severas perdas devido à estiagem. A produção esperada deste trigo está consideravelmente abaixo do potencial. Já o trigo mais tardio, que será colhido entre setembro e outubro, espera-se menores reduções de rendimento. Vale ressaltar também os efeitos deletérios das geadas que impactaram as lavouras de trigo paulistas, especialmente àquelas



que estavam em fase reprodutiva à época. Dessa forma, a previsão é de diminuição na produtividade média estadual, e, conseqüentemente, no volume final colhido, ambos comparados aos valores obtidos em 2020.

Em Goiás, as áreas de trigo em sequeiro já estão totalmente colhidas. O rendimento médio foi menor que o esperado, especialmente em razão da escassez hídrica. Quanto ao trigo irrigado, a previsão é que as operações de colheita se estendam até setembro. Atualmente (fim de agosto), a maioria das lavouras estão em fase de enchimento de grãos e maturação.

No geral, a previsão estadual é de produção na ordem de 129,3 mil toneladas do cereal, representando incremento de 39,9% em comparação à safra passada. As adversidades climáticas até reduziram o potencial produtivo e impactaram nas previsões do rendimento médio, porém o expressivo aumento de área deve viabilizar tal variação positiva.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura pode apresentar uma de suas menores produtividades média na série histórica em razão de intempéries climáticas (estiagens prolongadas e incidência de geadas) e a redução no investimento com uso de pacote tecnológico menor e grande porção de área cultivada com as chamadas “sementes salvas”, de baixo potencial produtivo.

De maneira geral, o trigo foi bastante impactado pelas geadas, tendo três eventos registrados em um prazo de pelo menos 60 dias. Algumas lavouras nem sequer deverão ser colhidas devido à baixa produção, não compensando economicamente a execução das operações.

Vale ressaltar que o início do ciclo foi promissor, com o clima colaborando bastante para o perfilhamento das plantas. Porém, com o registro de longos períodos sem chuvas e a incidência de geadas justamente em fases críticas



como na formação das espiguetas, deve-se apresentar perdas quantitativas e qualitativas em relação ao resultado obtido.

A perda da qualidade do trigo já é uma realidade, com muitos produtores citando a presença de triguilho e PH (peso hectolitro) com valor abaixo de 78 como principais problemas na classificação por tipo em razão dos problemas climáticos.

Atualmente, a cultura se encontra em fases distintas de desenvolvimento, apresentando 30% em estágio de perfilhamento/alongamento, 41% em emborrachamento e espigamento, 28% em enchimento de grãos e 1% apenas iniciou a maturação.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- TRIGO

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões–	Trigo - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				S	E/DV	DV/F	F	F/EG	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 7 – Trigo irrigado em enchimento de grãos no DF

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

A safra total do amendoim, na safra atual, tem estimativa de aumento de 3,2% na área em relação com o ano anterior, uma produção de 597,1 mil toneladas, 7,1% maior que a safra passada, e um incremento de 3,8% na produtividade.

Na Paraíba, as áreas que em anos anteriores ficaram em torno de 624 hectares, na safra atual apresenta o total de 734 hectares, com produtividade média de 341 kg/ha.

Em São Paulo, principal estado produtor do grão no país, a segunda safra tem menor produção que a primeira, por não serem ideais as condições de calor e umidade requeridas pelo amendoim.

O período mais adequado ao cultivo da seca vai do final de fevereiro, após a colheita do amendoim de primeira safra, até próximo final de março. Não é recomendado o plantio fora deste período, pois devido aos riscos dificilmente dará resultados satisfatórios.

Assim, nesse segundo período de cultivo, a estimativa é de recuo de 29,8% na área e de 9,1% na produtividade média em razão de poucas chuvas no decorrer do seu desenvolvimento, devendo perfazer uma produção de 6,6 mil toneladas.



Somando-se esse volume às 555 mil toneladas produzidas no primeiro ciclo, a produção total paulista de amendoim em 2020/21 deve chegar a 561,6 mil toneladas (aumento de 7,1% em comparação à temporada passada).

GERGELIM

Nesta safra houve redução na área plantada com o gergelim em relação ao ciclo anterior. O principal estado produtor, Mato Grosso, dispôs de menor quantidade de área para o cultivo do cereal neste exercício. Assim, a área total semeada no país ficou em 143,5 mil hectares, 18% inferior a 2019/20.

Ao longo da safra, as condições climáticas oscilaram bastante, principalmente, no quesito pluviométrico, gerando escassez hídrica em fases importantes do ciclo da cultura. Dessa forma, o rendimento médio e a produção final foram impactados, devendo alcançar 395 kg/ha e 56,7 mil toneladas, respectivamente, ambos valores menores que os registrados na temporada passada.

Em Mato Grosso, o ciclo foi bastante negativo para o gergelim. Além da redução na área plantada, na ordem de 18,3%, passando de 172 mil hectares para 140,5 mil hectares devido, principalmente, à concorrência com o milho segunda safra, o rendimento médio observado tem sido bastante ruim. Pelo fato desse milho estar bastante atrativo em termos de preços e mercado, houve priorização desta cultura em áreas melhores, em detrimento do gergelim, que foi deixado para segundo plano, em áreas não prioritárias, sem tanta fertilidade, semeadas frequentemente em momento tardio, fora da janela.

O resultado já havia sido ruim no ciclo passado, em que houve dificuldades



no manejo da cultura e com sementes e, neste ano, somaram-se as adversidades de cunho climático, que fez com que o rendimento médio caísse para 393 kg/ha, queda de 28,3% ante os 548 kg/ha obtidos na temporada passada, resultado já considerado aquém do potencial da cultura, que chegou a registrar 780 kg/ha de média na temporada 2018/19. Grande heterogeneidade nas lavouras, no que se refere a rendimento, também foi constatada para o gergelim de segunda safra. A colheita atingiu 100% em agosto. Em termos de mercado, a elevação nos preços é verificada, com cotações que já operam em torno de R\$ 5/quilo, como decorrência da menor oferta.

Calcula-se que a comercialização se aproxime de 80%. De acordo com os agentes deste mercado, estima-se que cerca de 90% do gergelim tenha o mercado externo como destino, ou seja, a maioria é exportada, principalmente para o Oriente Médio, países do norte da África e também para o Sudeste Asiático. Apenas uma pequena parcela, cerca de 10%, permanece no mercado interno, tendo como destino indústrias da Região Sudeste do país.

Existe a percepção que, caso este cenário de preços elevados, atribuídos ao milho persista, haverá um grande desincentivo à cultura do gergelim para o próximo ano, o que poderá resultar em maiores retrações de área, além das já registradas no atual ciclo.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 31,7 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a uma retração de 32,7%. Quanto à produção, também se espera redução em comparação à temporada



passada, 36,2 mil toneladas estimada para 2020/21, ante as 74,9 mil toneladas obtidas no exercício anterior em razão da diminuição da destinação de área e pela redução do rendimento médio.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, a colheita se encerrou em agosto, com conclusão da área remanescente de 5% em agosto, com redução da produtividade média em relação à temporada passada de 12,4%. Essa redução decorreu do clima adverso, situação que foi agravada pela escassez hídrica.

Na temporada 2020/21, as condições foram ruins para a cultura do girassol, com uma grande redução da área plantada, na ordem de 66,3%, passando de 25,2 mil hectares para 8,5 mil hectares, em um processo que se instaurou ao longo dos últimos anos.

A percepção do setor é que o quadro não se reverta para a próxima temporada, mesmo com os maiores preços atribuídos ao girassol devido à rentabilidade e à concorrência do milho segunda safra, que tem limitado a retomada de espaço da oleaginosa. A safra atual já está toda negociada.

Em Goiás, a cultura está 100% colhida. As Lavouras sofreram com o estresse hídrico. Porém, devido à boa qualidade das sementes utilizadas nesta safra, houve um melhor desenvolvimento radicular das plantas mesmo em condições de estresse hídrico.

Quase toda produção é destinada à fabricação de óleo, pequena parte para ração e a casca pode ser utilizada como ração para pequenas aves e ração



bovina. Os preços são pré-fixados com a indústria, situada na região sul do estado, de forma antecipada.

Em Minas Gerais, as áreas de girassol têm grande variação percentual, entretanto, isso se deve ao aumento das áreas verificadas e que não estavam produzindo.

A produtividade diminuiu em comparação com a safra anterior devido ao deficit hídrico e algumas áreas secaram.

No Distrito Federal, a cultura se encontra em fase de maturação e colheita, com aproximadamente 20% das áreas já colhidas.

A área nesta safra 2020/21 foi de 700 hectares, e a expectativa de produtividade média é de 2.260 kg/ha, o que resultará em uma produção de 1,6 mil toneladas.

Foram observados cultivos em áreas irrigadas em dois pivôs centrais, indicando um bom potencial econômico para a cultura.

A produção local é destinada ao mercado varejista, onde é adquirida, principalmente, pelos criadores de aves ornamentais.

MAMONA

A safra está em andamento, com as operações de colheita já se intensificando em alguns estados produtores. De modo geral, houve incremento na área plantada em comparação ao ciclo passado, porém as oscilações climáticas, especialmente com relação às chuvas, reduziu a produtividade das lavouras plantadas. Assim, a previsão é de decréscimo da produção em relação à safra 2019/20, que atualmente está estimada em 27,4



mil toneladas, perante as 43,3 mil toneladas colhidas na safra anterior.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste em 3,7%, e retração na produção de 38,2% em comparação com a safra anterior.

Na Bahia, com o avanço da colheita, foi possível verificar os prejuízos causados pela estiagem do início do ano. As lavouras estavam com bom aspecto de desenvolvimento por conta do aporte hídrico ocorrido em 2020, por isso, havia a expectativa de boa produção nesta safra, porém, ao longo do primeiro semestre, a estiagem acabou restringindo a formação e enchimento dos grãos.

De fato, as informações indicam que as primeiras lavouras colhidas alcançaram rendimento e volume melhor, porém, ao passo que avançou a colheita no estado, ficou evidente a quebra da safra. No momento da formação e desenvolvimento dos grãos, as condições climáticas desfavoráveis prejudicaram as fases finais das lavouras mais tardias.

Atualmente, acredita-se que as perdas serão de mais de 30% em relação ao ano anterior, por outro lado, a cada semana o rendimento das lavouras diminui, sendo possível que a colheita termine antes do previsto, e as perdas sejam ainda maiores.

Em Mato Grosso, a colheita da mamona foi encerrada em julho, com rendimento médio de 900 kg/ha, resultando em uma produção estadual de 1,8 mil toneladas.

A opção pela mamona de segunda safra ainda é restrita e incipiente no estado, restringindo-se a apenas 2 mil hectares, esbarrando em



dificuldades iniciais de tecnologia e manejo, bem como na concorrência de culturas de segunda safra, a exemplo do milho. A produção realizada sob contratos futuros já está negociada.

SORGO

Mesmo com o aumento na área plantada e toda rusticidade da cultura em relação ao estresse hídrico, ainda assim a expectativa é de redução na produção total nesta temporada 2020/21 em comparação ao ciclo passado. Os baixos níveis pluviométricos em muitas regiões produtoras do grão fez com que o potencial produtivo não fosse atingido, perfazendo um rendimento médio abaixo do exercício anterior. A previsão é de obtenção de um volume final na ordem de 2.098,2 mil toneladas, indicando diminuição de 16% em comparação a 2019/20.

No Pará, diferente de boa parte das regiões produtoras, houve aumento de área semeada e incremento na produtividade média em relação ao ciclo passado. As condições foram favoráveis à cultura nas fases mais críticas do desenvolvimento, permitindo uma produção melhor que na temporada passada, alcançando 54,9 mil toneladas colhidas.

Em Tocantins, a colheita do grão foi encerrada na primeira semana de agosto, e a produtividade média das lavouras ficou em 2.163 kg/ha. Houve aumento na área plantada de 48% em relação à safra passada, garantindo um bom resultado final, ultrapassando as 109,4 mil toneladas.

No Maranhão, na região leste, tem-se observado uma tendência de cultivos extensivos de segunda safra do sorgo, imediatamente após a colheita de soja, em virtude desse cereal apresentar uma maior tolerância às condições de estresse hídrico que normalmente ocorrem nesse período.



Além de boa cobertura do solo e alta durabilidade da palhada, a cultura normalmente tem um preço atrativo de venda, com mercado para outros estados e atuando, ainda, na redução da população de nematoides que permanecem no solo após a colheita.

A cultura do sorgo, cultivada na região sul do estado, em substituição aos cultivos de soja, teve a semeadura realizada entre o final de fevereiro e março de 2021. A colheita iniciou de maneira relativamente tímida em algumas unidades produtivas, intensificando-se em agosto de 2021.

Na presente safra, a área total apresentou 9,8 mil hectares, com redução de 7,5% em relação à área plantada da safra anterior devido ao menor interesse de cultivo da cultura. A produtividade média ficou em 2.247 kg/há, e a produção em 22 mil toneladas.

No Piauí, a lavoura de sorgo é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio no estado ocorreu no final de março. A área plantada na safra 2020/21 foi de 11,6 mil hectares, 59,3% menor que a área da safra anterior, com os produtores optando por plantar maiores áreas de milho segunda safra. A colheita desta cultura está finalizada, obtendo produtividade média na ordem de 1.264 kg/ha, sendo 30,2% inferior à obtida na safra anterior devido ao baixo índice pluviométrico durante o ciclo da cultura, principalmente, na fase de enchimento de grãos.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 600 hectares, mantendo assim em estabilidade. Em compensação, a produção



estimada do grão foi 16,7% menor que a safra 2020, atingindo 500 toneladas.

Na Bahia, na região do extremo- oeste, em relação ao sistema de manejo, a agricultura empresarial apresenta um intenso uso de insumo, com a mecanização do preparo da área até a colheita. O sorgo serve como eventual substituto do milho nas rações do setor granjeiro e pecuário, influenciado pela alta e forte demanda do milho. No que se refere aos efeitos climáticos na produção, o volume de chuva reduzido em março e abril reduziu o potencial produtivo da lavoura.

Na região centro-norte, as áreas que alcançaram produção estão sendo colhidas e comercializadas nas próprias localidades, visto que a procura pelo produto tornou-se mais acentuada com o avanço da estiagem e o preço do milho. Contudo, na maior parte das áreas, a baixa produção levou os agricultores a destinar as lavouras para silagem. Além disso, os últimos campos em produção foram os mais afetados pela seca, o que indica a mesma utilização.

Na região centro-sul, as plantas resistiram melhor à estiagem e alcançaram melhor rendimento, se comparado às outras culturas. No entanto, em virtude do preço do milho, a demanda por silagem para alimentação animal está maior, por esse motivo, a facilidade do manejo e a baixa produção compensou utilizar ou comercializar parte das lavouras para silagem. Por consequência, a produção final foi menor que a esperada.

No geral, se estima uma redução na produção total se comparada a 2019/20, em razão das intempéries climáticas e os seus impactos sobre o rendimento médio da cultura. Assim, mesmo com aumento na área plantada, a perspectiva é de obtenção de um volume 5,2% inferior ao do ciclo passado, ficando em 148,2 mil toneladas colhidas.



Em Mato Grosso, a colheita do sorgo foi encerrada em agosto, com finalização dos 20% que restavam neste mês, e até mesmo esta cultura, que costuma ser mais resistente ao clima seco, sofreu com a estiagem nesta temporada, e registrou produtividade média de 2.670 kg/ha, 9,9% inferior aos 2.964 kg/ha obtidos no ciclo passado. Nem mesmo os maiores investimentos aplicados à cultura do sorgo foram suficientes para reverter o quadro de perda. Substituto do milho na formulação de ração animal, suas cotações têm disparado em âmbito estadual, dada a restrição da oferta deste insumo, muitas vezes rompendo com a tradicional equalização de cerca de 80% do preço do milho.

Essas condições mercadológicas incentivaram o aumento de área, cujo montante foi de 49,3 mil hectares, 5,7% superior ao do ano passado. Neste momento, a comercialização já ultrapassa mais da metade da produção colhida.

Em Mato Grosso do Sul, os problemas climáticos que a cultura passou durante o ciclo, impactou diretamente no rendimento das graníferas. No entanto, o expressivo aumento de área semeada nesse ciclo mudou completamente o panorama esperado para a safra. Aproximadamente 68% das áreas já foram colhidas, e são representadas basicamente por lavouras implantadas na região centro-norte estadual. Já no centro-sul, onde as lavouras são mais atrasadas, a operação será realizada basicamente em setembro.

De maneira geral, a previsão é de uma produção 89,4% superior a 2019/20, devendo alcançar 68,2 mil toneladas.

Em Goiás, a falta de chuvas reduziu o potencial das lavouras, com isso, diminuiu a produtividade e qualidade dos grãos, além disso, por questões de falta de armazéns, os custos de logística fazem com que os produtores



comercializem seus produtos na lavoura. Estima-se um aumento de 0,8% na área plantada, e um recuo de 18,1% na produtividade e de 17,4% na produção em relação ao ciclo anterior.

No Distrito Federal, a área cultivada tem um recuo de 1% em relação ao ciclo anterior. As lavouras se encontram em plena colheita, visto que 50% já foram colhidas.

A produtividade média está estimada em 4.240 kg/ha, 14,9% inferior aos 4.980 kg/ha obtidos na safra anterior, redução provocada pela falta de chuvas nos estádios de floração e enchimento dos grãos. Assim, a produção poderá alcançar 41,6 mil toneladas, 15,6% inferior à produção da safra anterior.

Em Minas Gerais, as áreas de sorgo estima-se uma redução em 2,4%. A área de 195,9 mil hectares está com produtividade esperada de 2.901 kg/ha, 25,6% menor que o fechamento de safra anterior. A produção estimada é 27,4% inferior à safra 2019/20. Apesar de ser uma cultura com maior resistência ao clima, os efeitos do deficit hídrico e geada indicam potencial de reduções até o fechamento da safra. O estágio de colheita para o sorgo no estado é de 74%.

Em São Paulo houve uma estabilidade na destinação de área para o plantio da cultura, porém a produtividade média deve ficar bem abaixo do potencial esperado em virtude das adversidades climáticas registradas durante o ciclo (escassez de chuvas, baixa umidade no solo e geadas). Assim, o volume final previsto é 27,3% inferior ao obtido em 2019/20, com estimativa de 25,3 mil toneladas colhidas.



QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/2021								
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M/C	M/C
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 8 – Girassol irrigado sob pivô central no DF

Fonte: Conab.



Foto 9 – Girassol na fase de maturação no DF

Fonte: Conab.

Foto 10 – Lavoura de mamona de sequeiro na região Centro-Norte/BA



Fonte: Conab.

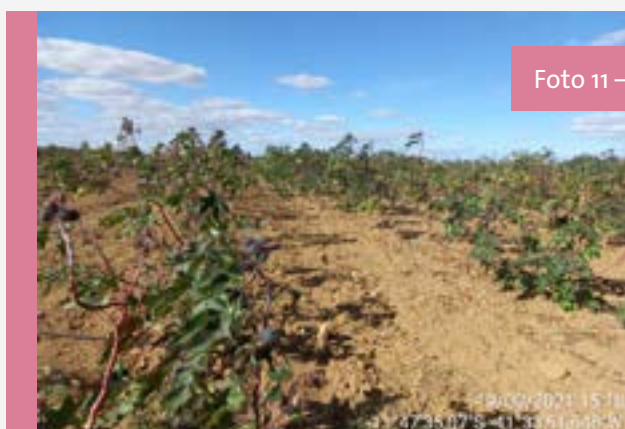


Foto 11 – Lavoura de mamona irrigada na região Centro-Norte/BA

Fonte: Conab.



Foto 12 – Lavoura de mamona na região Centro-Norte/BA

Fonte: Conab.



Foto 13 – Sorgo no DF

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, a cultura apresentava um cenário muito favorável até a ocorrência de geadas no fim de julho, algo que prejudicou muitas lavouras que à época estavam em fase de florescimento e início do enchimento de grãos. Além disso, a falta de umidade disponível no solo passou a prejudicar fortemente as perspectivas de produtividade. Há uma grande expectativa para ocorrência de chuvas nos próximos dias a fim de viabilizar a boa formação dos grãos e um rendimento satisfatório para eles. Até o momento, somente 12,5% das lavouras foram colhidas e outros 35,3% já entraram em processo de maturação, não sendo mais influenciados pelo comportamento climático.

No Paraná, a colheita já iniciou no oeste do estado, atingindo 1% da área total, mas a maior parte das lavouras ainda se encontra nas fases de floração e enchimento de grãos. As condições das lavouras pioraram em relação ao início do ciclo, principalmente em razão da escassez hídrica, com registro de chuvas abaixo do esperado. Ao todo, a perspectiva é de obtenção de 175,7 mil toneladas do cereal nesta safra.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas recentes não têm sido favoráveis à cultura da aveia. As geadas ocorridas tanto em junho quanto em julho/agosto afetaram as lavouras mais precoces, que já estavam em floração e início de enchimento de grãos, assim como a falta de chuvas que foi prolongada em muitas regiões, devendo impactar na formação dos



grãos e no seu rendimento. Atualmente, cerca de 3% das lavouras estão em fase de maturação, 23% em enchimento de grãos, 26% em floração e 48% em desenvolvimento vegetativo. Com o retorno das chuvas, espera-se que parte desse potencial seja recuperado, principalmente na metade da área que ainda não está em fase reprodutiva. As lavouras mais adiantadas estão no centro do estado e no oeste, enquanto no Planalto Médio e Superior pouco ainda estava em floração. A expectativa é de uma produção superior à da temporada passada, que foi bastante comprometida por questões climáticas.

QUADRO 8 - MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PI	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
BA	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PR	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

No Paraná, as geadas provocaram prejuízos às lavouras que estavam em floração e frutificação, mas os danos poderão ser minimizados com a possibilidade de as plantas emitirem nova florada. No entanto, os baixos



índices pluviométricos comprometem a cultura, especialmente essas lavouras que estão atingindo suas fases reprodutivas. De maneira geral, o aumento de área plantada deve favorecer o resultado da safra, que está estimado em 1,3 mil toneladas (62,5% maior que na temporada anterior).

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas têm sido irregulares, causando algumas perdas de potencial produtivo nas lavouras. Com cerca de 7% das lavouras em fase vegetativa, 48% em floração, 42% em enchimento de grãos e 3% em maturação, o período pode ser considerado crítico para ocorrência de eventos adversos no clima. Nessa linha, a ocorrência de geadas no final de julho/início de agosto, juntamente ao déficit hídrico que, em alguns locais, estava próximo de 60 dias, reduziram o potencial produtivo das lavouras, principalmente na região Missões, Alto e Médio Uruguai e parte oeste do Planalto Médio. Porém, como a safra passada foi bastante ruim, afetada por um clima ainda mais adverso, o resultado desse ano deve ser superior ao de 2020.

CENTEIO

No Paraná, a maioria das lavouras estão apresentando boas condições, até o momento. Os efeitos da geada e da estiagem ainda serão melhor contabilizados, mas a perspectiva é de redução na produção final e também pela diminuição de área plantada nesta temporada. Assim, estima-se produzir cerca de 6,4 mil toneladas do cereal.



CEVADA

No Paraná houve aumento de área em relação ao ciclo passado. Devido ao aumento no preço do milho, outros cereais que compõem a alimentação animal também se valorizaram, como é o caso do trigo e cevada, provocando esse incremento.

As lavouras estão em pleno desenvolvimento, mas já apresentam redução no potencial produtivo, tanto pelos efeitos deletérios causados pelas geadas (queima de folhas, morte de tecidos e redução da capacidade fotossintética) como, principalmente, pela escassez hídrica, com chuvas abaixo do esperado. Ainda assim, a produção esperada é superior àquela obtida em 2020 (em razão do acréscimo de área), devendo alcançar 302,1 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a cultura da cevada tem se desenvolvido bem, apesar dos períodos de estiagem registrados ao longo do ciclo. Como a cultura se concentra nos Planaltos Médio e Superior, onde a estiagem não foi tão severa e a semeadura foi mais tardia, o que faz com que a maior parte das lavouras ainda estejam em desenvolvimento vegetativo, não há significativas reduções no potencial produtivo médio. Pontualmente, locais mais a oeste tem tido uma redução um pouco maior. No momento, temos 91% da área em desenvolvimento vegetativo e 9% em floração. No geral, a estimativa atual é de produção na ordem de 112,2 mil toneladas.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL